

Rio de Janeiro, 5 de abril de 1957.

Ao: Sr. Professor Anísio Teixeira
Diretor Geral do INEP

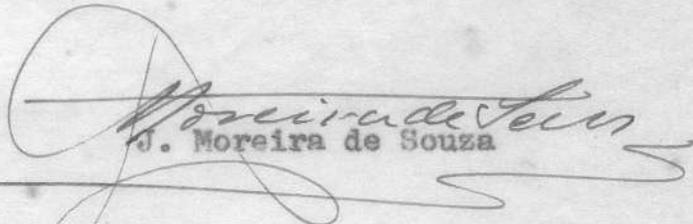
De: J. Moreira de Souza
Chefe de Seção

Assunto: Entrega de Relatório e Fichas

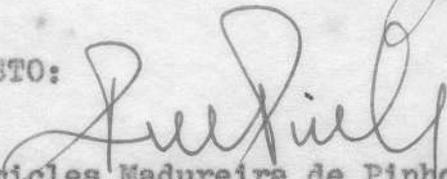
Senhor Diretor:

Acabo de entregar ao Serviço de Auxiliares Au
dio-Visuais do C.D.P., por parecer-me interessarem, direta
mente, ao mesmo, uma cópia do relatório que apresentei a
V. S^a, após a minha volta da Sicília, onde estive em está
gio de estudos, promovido pela UNESCO e levado a efeito ,
em Messina, sôbre auxiliares visuais na Educação de Base,
bem assim 103 fichas que organizei, após o meu regresso
dêsse estágio, no INCE, visando a uma pesquisa completa reô
bre a preferência do escolar brasileiro, em tórno de ' as-
suntos de filmes educativos.

Saudações


J. Moreira de Souza

VISTO:


Péricles Madureira de Pinho
Diretor-Executivo

RELATÓRIO REFERENTE AO ESTÁGIO
DE ESTUDOS PROMOVIDO PELA UNESCO E LEVADO A EFEITO
EM MESSINA (SICILIA-ITÁLIA), SÔBRE AUXILIARES VISU
AIS NA EDUCAÇÃO DE BASE, DE 27 DE AGÔSTO A 27 DE
SETEMBRO DE 1 953

Joaquim Moreira de Sousa
(Técnico de Educação)

Senhor Diretor:

Vale a pena fixar-se em relatório, para que outros de nós aproveitem a experiência, o que foi o Estágio de Estudos promovido pela UNESCO, em Messina, de 27 de agosto a 27 de setembro de 1953, no qual tomei parte, como delegado do Brasil.

Observei quanto a ONU se empenha, por seu órgão especializado, no que concerne à educação, à ciência e à cultura, pela preservação da paz entre os povos, em trabalho constante, esclarecido e consciente, com vistas à elevação do nível de vida das populações menos desenvolvidas.

Em carta de 21 de janeiro de 1953, o diretor geral da UNESCO, dirigindo-se ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, lembrava os termos da Resolução 512 do programa para 1953/54, adotado pela Conferência Geral, por ocasião de sua sétima sessão, em virtude da qual estava autorizado a organizar um Estágio de Estudos sobre a utilização dos Auxiliares Visuais na Educação de Base. Esse Estágio de Estudos devia proceder a experiências práticas, seguidas de trocas de vista, e organizar, para o futuro, cooperação entre os especialistas da questão. A UNESCO se propunha convidar, na qualidade de chefes de grupo, um certo número de peritos que tivessem adquirido, em matéria de produção e utilização dos Auxiliares Visuais, na Educação de Base, longa e vasta experiência, com que se pudessem beneficiar os estagiários.

O programa, segundo os termos da correspondência a que aludo, compreendia:

- a) - a apresentação de material escolhido, de interesse técnico e educativo certo;
- b) - o estudo de projetos que visassem a permuta de informações, de pessoal e de material;

c) - o exame da produção de auxiliares visuais, no en sino da leitura e da escrita.

Esforçar-se-ia, igualmente, o Estágio por fixar as grandes linhas de cursos práticos destinados a formar especialistas nos domínios acima considerados.

Para essa reunião, acrescentava o diretor geral da UNESCO, estava reservado lugar a um delegado do Brasil, ao qual, em tempo oportuno, seriam remetidos a documentação e o material necessários ao estudo dos temas do Estágio e às conclusões dos debates e discussões em perspectiva.

O assunto da correspondência em aprêço foi encaminhado ao Ministro da Educação e Cultura, por intermédio do presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBRCC), e, examinado pelo diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), originou o processo PR/49 895/53, no qual autorizou o Presidente da República a ausência, do país, do signatário deste, a fim de estagiar na Sicília.

O programa elaborado pela UNESCO deixava grande margem à iniciativa dos participantes, os quais podiam variar de diretrizes, no curso dos trabalhos. Partindo da idéia de que a função essencial do Estágio era dar a ver filmes, filmes fixos etc, submetendo-os a discussão, uma grande parte do tempo seria consagrado a projeções.

Conferências de introdução seriam pronunciadas, sobre os temas seguintes, por peritos de reputação internacional:

- 1º - que é Educação de Base?
- 2º - o papel dos Auxiliares Visuais, na Educação de Base;
- 3º - a produção de Auxiliares Visuais, na Educação de Base;
- 4º - fundamento psicológico e social da Educação de Base;
- 5º - o estudo dos públicos;
- 6º - a utilização dos Auxiliares Visuais na luta contra o analfabetismo e no ensino das línguas;
- 7º - as fontes de informação sobre os Auxiliares Visuais;

8a - a formação dos técnicos da produção e do emprego dos Auxiliares Visuais.

Essas conferências seriam discutidas em reunião plenária e estudadas, mais profundamente, por comissões de trabalho.

Por sua vez, os filmes, filmes fixos e outros Auxiliares Visuais seriam agrupados por temas e cada um desses temas estudado por comissões de trabalho. Os grupos de temas seguintes foram previstos:

- a) - utilização dos recursos naturais (agricultura, criação, pesca, silvicultura, irrigação etc;
- b) - formação profissional e artesanato;
- c) - higiene e saúde, família e trabalhos domésticos; puericultura e educação familiar;
- d) - vida comunitária e cooperação;
- e) - a luta contra o analfabetismo e o ensino das línguas.

No curso da última semana do Estágio (quatro semanas foram previstas) algumas sessões, tanto em comissão, quanto em reunião plenária, seriam consagradas à elaboração dos relatórios.

Excursões permitiriam aos estagiários conhecerem os trabalhos executados, na Sicília, por uma missão técnica da UNESCO, prestes a realizar uma experiência local de produção e emprego dos Auxiliares Visuais. Uma exposição internacional de aparelhos, instalada nos locais do Estágio, proporcionaria aos participantes visão de conjunto dos modelos de equipamentos novos mais susceptíveis de utilização imediata, nos trabalhos específicos da educação em causa.

Esse o programa preestabelecido, que foi sofrendo alterações, segundo as circunstâncias de momento, sempre no sentido do maior aproveitamento dos estagiários.

Instalado o Estágio, oficialmente, no dia 31 de agosto, depois de feitas, nos dias anteriores, as apresentações de praxe de todos os participantes, inclusive dos técnicos escolhidos pela UNESCO, e entregue aos interessados o material escolhido para estudo e orientação, começaram as reuniões preliminares, em local adrede preparado, onde, durante uma semana, foram ouvi

dos conferencistas, que procuravam focalizar os assuntos mais palpitantes a serem discutidos, no correr do Estágio.

Os organizadores deste merecem irrestritos aplausos, pela maneira segura e inteligente por que se desincumbiram da tarefa, nos menores detalhes, desde as instalações elétricas, perfeitas e adequadas aos diferentes aspectos do Estágio, até a distribuição das atividades, entre os componentes de grupos de trabalho; em tudo deram mostras da consciência do dever, cumprindo-o sem exageros, mas dentro de normas e critérios seguros, com constância, paciência e firmeza dignas da admiração e do louvor de todos. Insta acrescentar que o regime de trabalho estabelecido pelo pessoal da UNESCO, sobre ser racional, para atender às exigências e finalidades do Estágio, suscitava da parte de todos a mais estreita cooperação, com que se estabelecia unidade de ação, apesar da diversidade de operações.

Na primeira semana de trabalho, conforme já acentuamos, fixaram-se em debates, interpelações e esclarecimentos, após as conferências programadas, uma série de princípios e normas, que foram, sem dúvida, o eixo das atividades posteriores.

Consignemos, neste relatório, alguns desses princípios, que foram como que bases e diretrizes dos trabalhos que, posteriormente, realizamos em grupos. Vejamos:

— É inútil ensinar alguma coisa a alguém, que nenhum interesse tem pelo que lhe querem ensinar. Adultos procuram saber com que intenções é feito o ensino que lhes ministram. Há que se descobrirem, assim, os motivos pelos quais os indivíduos aceitam ou recusam o ensino, isto é, fazer-se análise prévia das suas "complacências" e das suas "resistências". Referindo-se às populações africanas subdesenvolvidas, dizia um perito: — Uma jovem pode ir à escola da missão para escapar à lubricidade de um velho polígamo; um mancebo pode frequentar a mesma escola, para ali encontrar, mais facilmente, uma esposa de sua idade. —

Naturalmente, não há de ser isso o que querem especialmente, os que se aventuram ao desconforto das aldeias africanas, tentando melhorar o nível de cultura de suas populações.

Há, como se vê, um princípio a firmar-se, de imediata atenção oportuna e inteligente ao sistema comportamental da população à qual se dirigem os que têm a si a tarefa da educação de base; às necessidades biológicas e socio-cultural dos indivi

duos; usando a expressão corrente, no Estágio, à problemática própria dos membros do grupo considerado.

Aplicando o princípio ao caso brasileiro, havemos de ver que a problemática dos nordestinos, ameaçados de fome periódica, em uma região onde os ganhos e as perdas são difíceis, não é a mesma dos gaúchos e paranaenses, criadores de gado e plantadores de café, com a cultura da erva mate, os últimos, em uma região onde a vida é muito mais fácil que a dos primeiros.

— As solicitações emanadas de certo meio, já estabelecido, com cultura própria, e os estímulos propostos por esse meio podem não estar em concordância com as solicitações e os estímulos de um meio novo que se vem estabelecer, com caráter civilizador. As solicitações dos "civilizados" serão benéficas ou maléficas e os estímulos por eles propostos serão desejáveis ou indesejáveis.

A propósito, exemplificava-se: o cuidado pelo aumento indefinido da renda, em proporção com o aumento indefinido do trabalho remunerado, é estranho à mentalidade do africano que vive em regime de coletivismo clássico. Um africano desse tipo pode não ter nenhum interesse em aumentar a sua renda além da satisfação de suas necessidades individuais, sabendo que o supérfluo vai aos outros membros do clan, por intermédio do "lamba", tesoureiro e economo do clan. É muitas vezes preferível apelar para o desejo de prestígio social que para o desejo de aumento de salário, se esse aumento de salário acarreta acréscimo de trabalho. O desdém do negro pelo trabalho, tal qual o concebemos, muitas vezes imputado a uma preguiça natural, ~~é~~ pode ser encarado como um aspecto de sabedoria, sem olvidar-se que o trabalho pode ser considerado como próprio de escravos, em meios ainda fortemente feudais.

— Muita coisa há que considerar na utilização dos Auxiliares Visuais. Por exemplo, a satisfação que o indivíduo pode ou não tirar das transformações que lhe são aconselhadas ou impostas. O instrutor "civilizado" pode estar muito bem intencionado, porém, mal informado. Verificou-se que o negro, na África, desconfia que a casa de cimento seja mais fria e incôfortável, que a sua cabana, uma vez que nesta não se podem instalar as "con comodidades" de branco.

— Por outro lado, de que adianta apresentar, como ideal, certa situação de trabalho, se os indivíduos que as recebem, não estão em condições físicas para suportá-la? A preguiça pode ter raízes biológicas ligadas a insuficiências alimentares; a astenia em certas pessoas pode ser efeito de carência de vitaminas. Que dizer de certos tipos de operações, para as quais os indivíduos não têm a maturidade precisa e de outras para as quais se exige aprendizagem adequada? Que vale, por exemplo, mostrar as vantagens da lavoura mecanizada, se, em correspondência, não são dados os meios para se adquirir a maquinaria? Que aproveitam as demonstrações do uso de adubos vegetais e minerais, se faltam aos que ouvem ou vêem as lições, os recursos para conseguí-los?

Todos esses eram assuntos debatidos em plenário, após as conferências dos técnicos, que se esforçavam por mostrar que energias físicas e recursos financeiros não devem ser desperdiçados em campanhas de educação de base, através dos Auxiliares Visuais, sem serem considerados esses pontos e muitos outros mais.

Na produção de Auxiliares Visuais, como no preparo dos técnicos para sua utilização conveniente, não se podem negligenciar questões dessa espécie.

— Um princípio exposto, durante o Estágio, na fase de ambientação dos participantes, despertou vivo interesse: - o da solidariedade dos problemas. Dizia-se: - toda pedagogia enfrenta problemas de conjunto; o ensino relativo a certo problema particular pode acarretar problemas não resolvidos ainda e perder por isso sua eficácia. Por exemplo: - o ensino relativo a problemas de doença pode afrontar um sistema de crenças, em que se fundem as garantias morais do grupo. Contrai-se pneumonia, por se ter tomado chuva em excesso, com temperatura baixa e sem agasalho; adquire-se verminose, por se ter bebido água suja. Mas argumentam aqueles, a quem se quer ensinar as causas dessas doenças, que nem todo mundo morre delas, ainda quando essas causas ocorram. Por que é que uns morrem de pneumonia, ou de verminose, e outros, não? A doença é quase sempre o castigo de uma ação má: - furto, adultério, negligência no cumprimento de um dever, desobediência a um ancestral exigente etc. O ladrão contrai uma doença, dizem indivíduos de certos ^{meios} ~~grupos~~ africanos, por causa de seu furto, desde que haja um fetiche no lu-

lugar, onde o furto se deu. (Explica o técnico: parece-me que o fetiche não é, essencialmente, um produto do animismo, mas uma pena mágica de defesa ou de ataque, que se compra, que se manda consagrar, que tem necessidade de ser, periodicamente, revigorada e que age, como segurança, contra o furto, o adultério, a intenção perversa dos feiticeiros etc. Os fetiches são os instrumentos principais da moral usual daquela gente, a moral da prudência, em que as doenças figuram como sanções. Se não há fetiche no lugar, o ladrão não teme nada. Sabe-se, pelo menos insinuava-se, que o doente se cura, restituindo o objeto furtado, ou entregando-se ao dono de mesmo a indenização equivalente. O que morreu era culpado e não havia feito a restituição. Afinal de contas, a rede das interdições e das transgressões é suficientemente vasta, para que o doente fique de todo tranqüillo. Se "os civilizados" vêm contar histórias sobre micróbios, é que esses micróbios são agentes de punição... Enfim, conclue-se: a higiene pode ser uma boa coisa, mas evitar o que é proibido ainda é melhor.

Em face de tal atitude, pergunta o técnico: vale ou não vale a pena estudar-se bem o meio aonde vamos levar a educação de base? O preparo e a utilização dos Auxiliares Visuais devem ou não enquadrar-se nesse pressuposto?

— Acentuava-se, ainda, nos primeiros debates do Estágio, que as noções e técnicas ensinadas sejam facilmente utilizáveis no meio. Dar uma lição de "higiene de classe", quando não se tem água ao alcance da mão, ou de higiene da boca, quando escovas para dentes e dentifrícios não se encontram ou são muito caros, além de vão, é ridículo.

— Por outro lado, as noções e técnicas ensinadas devem ser de aplicação possível, em escala bastante larga, ao conjunto da população. A experiência das "fazendas - piloto", dizia-se, munidas de equipamento ultra-moderno, em pontos raros de determinado território, arrisca-se a cair em descrédito, suscitando o descontentamento de certos grupos que se queixam de nada ser feito em seu benefício. Assim sendo, é preferível proceder-se a aperfeiçoamentos sucessivos, por etapas, partindo dos sistemas operacionais costumeiros.

— Um princípio, a que se não pode fugir, é o do benefício imediato e dos ensaios bem sucedidos. Um benefício, seja

êlo qual fôr, deve ser rapidamente sentido. Compreende-se mal que preparo de estradas seja proveitoso em uma região onde o comércio é insignificante e, às vezes, nulo. Compreende-se, ainda menos, que seja proveitoso despendar esforços, em proveito de quem auferir ganhos fabulosos, a pretexto de vir melhorar o nível de cultura de um povo

— Não se deve desprezar, por outro lado, o princípio de adaptação estreita dos temas de ensino a problemas locais. Esse princípio tem importância particular, quando se fazem experiências de utilização dos meios audio-visuais na educação de base. Os filmes-testes, isto é, os filmes que se utilizam, para se verificarem reações de grupos, não podem ser os mesmos em regiões diferentes. Diferenças insignificantes podem, em certos casos, ter máxima importância.

A propósito, dois exemplos foram citados: os dos belos filmes "Small Pox" e "Le Bon Samaritain". No primeiro caso, uma grande parte do valor do filme se perde em uma região onde a vacina é obrigatória; no segundo, em que se vê um pobre diabo estendido, miseravelmente, à beira da estrada, desdenhado por um transeunte opulento, mas fraternalmente tratado por um negro, arrisca-se a perder todo o trabalho e tempo. (Pretende-se a exibição do filme, como meio de despertar sentimentos de fraternidade entre os da raça negra).

Em certos grupos africanos, como os Basalampasu, os homens têm apenas, como vestimenta, uma tanga, e as mulheres, uma tenue e estreita faixa de fibras, que mal lhes cobre as partes pudendas; enquanto isso, o "pobre diabo" do filme usa casaco e sandálias. Quem acreditaria na pobreza do suposto mendigo?

— Se uso um filme educativo - é outro princípio a estabelecer-se - tenho necessidade de critérios objetivos para julgar da eficácia do ensino que transmiti, por meio desse Auxiliar Visual. No caso, entende-se por critério objetivo uma manifestação comportamental qualquer que ateste a eficácia do filme. Por exemplo: a elevação da taxa das vacinações voluntárias, depois da projeção de um filme, como "Small Pox", ou a modificação da cultura da mandioca, depois da exibição de um filme, por onde se mostrem as vantagens da cultura racional desse tubérculo em elevações de terra, mais ou menos acentuadas, ou o aumento das procura e da venda de "Fly-Tox", depois de visto um filme sobre destruição de moscas.

Em comentário, esclarecia-se: quem conhece, por pouco que seja, a psicologia de certos agrupamentos negres, na África, sabe, perfeitamente, que o testemunho oral que se fornece, em geral, ao branco não inspira confiança: há cuidado extremo em adivinhar-se o que é que dará prazer ao branco e em evitar qualquer dificuldade imprevista, mas geralmente possível.

Um acento muito nítido dava-se, como se vê, ao cuidado de que se deve armar todo aquele que se propõe a ensinar, por meio de filmes. Há que ser um psicólogo, em todo o rigor do termo, um educador, o que se destina a empregar esse magnífico Auxiliar Visual, na melhoria das condições de vida das massas incultas, sob pena de desprestigiar-se um dos meios mais eficazes da educação. Chegava-se mesmo a recomendações desta espécie: devemos atender a que é natural a estupefação de grupos atrasados em face de uma primeira projeção cinematográfica. O mesmo aconteceu conosco, talvez, e, seguramente, com nossos pais. A primeira reação do espectador atrasado a tal meio de ensino é menos interessante em si do que a maneira por que se adaptará à repetição do espetáculo e o modo por que aproveitará informações destinadas a realizar essa adaptação. Trata-se de problema não de capacidade natural e espontânea, mas de "aprendizagem". Convençamo-nos de que muitos povos ditos subdesenvolvidos não têm nêles nada de constitucional que os impeça de aproveitar certas informações, como nós o fazemos. É questão de cultura, no exato sentido sociológico da expressão, de onde impor-se a necessidade de planos de experiências que comportem grupos de comparações, com ensino informado e não formal.

Em última análise atente-se que nunca o Auxiliar Visual substituirá ao que se acha animado da viva flama do apostolo do bom professor; ele não passará senão nunca de simples "auxiliar".

Essas normas e princípios - digo, com mais precisão, essas declarações - emergiram, por entre interpelações e esclarecimentos, dos debates que provocou a conferência de A. Obreda ne, professor da Faculdade das Ciências da Universidade de Bru-

xelas, convidado especial da UNESCO, para falar sobre a utilização dos meios audio-visuais na Educação de Base das populações subevoluidas da África.

Durante o correr da primeira semana, conforme já apontei, os estagiários estiveram presentes a outras conferências, tendo antes se munido de publicações fornecidas pela administração geral do estágio, a qual, em todos os momentos e sob os aspectos mais diversos, foi de solicitude e eficiência isentas de qualquer reparo.

As conferências e subsídios correlatos sobre o assunto pôsto em agenda para os debates diários, eram distribuídos, antecipadamente, com os estagiários, pondo-se, assim, cada um em condições de tomar parte, com proveito, na discussão dos temas programados.

As demais conferências, ouvidas, em dias sucessivos, estavam subordinadas aos seguintes títulos:

- 1) - A Antropologia Cultural e os Auxiliares Visuais;
- por Alfred Métraux, antropólogo do Departamento das Ciências Sociais da UNESCO;
- 2) - Os Auxiliares Visuais, a serviço da Educação de Base, por Robert Lefranc, professor, diretor do Centro Audio-Visual da Escola Normal Superior de Saint-Cloud, na França;
- 3) - O filme e a Educação de Base, nos territórios coloniais britânicos, por M. William Sellers, produtor-diretor da "Colonial Film Unit", em Londres;
- 4) - Os Auxiliares Visuais na Educação de Base, por Williard W. Beatty, diretor-adjunto do Departamento de Educação da UNESCO;
- 5) - Os Auxiliares Visuais - a linguagem, como instrumento - por Christine Gibson, encarregada de cursos na Universidade de Harvard e assistente do professor I.A. Richards - da Graduate School of Education (U.S.A.);
- 6) - A formação de técnicos do filme, por Gareth Evans;

7) - O flanelógrafo - como prepará-lo e usá-lo - Demonstração - por Yousif Hassir.

✓ Tornando-se por demais extenso este relatório, se ~~qui~~ ~~será~~ incluir nele o conteúdo das conferências acima enumeradas, ~~para~~ ^{para} a transcrição, apenas, das duas primeiras, dada a relevância da matéria de que tratam, de Alfred Métraux e Robert Lefranc, respectivamente, comprometendo-~~nos~~ ^{me,} desde já, a traduzir as demais, para serem publicadas na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, se nisso estiver de acordo a sua direção.

Para que não se perca a oportunidade, ~~indico~~ ~~abaixo~~, os títulos das publicações distribuídas com os estagiários, como material que serviria para estudo, durante os 30 dias do Estágio.

- 1) - Emprêgo dos Auxiliares Visuais no ensino técnico;
- 2) - A utilização da televisão na educação;
- 3) - O papel do filme na Educação de Base;
- 4) - Instalação de um serviço cinematográfico - Investimentos, orçamento e formação de pessoal da região, por especialistas engajados, temporariamente;
- 5) - O aspecto técnico da produção cinematográfica - Escolas de formação de cineastas;
- 6) - Educação de Base e Cinema;
- 7) - Os Auxiliares Visuais e a Educação de Base (UNESCO);
- 8) - A Educação de Base (descrição e programa - (UNESCO);
- 9) - A Saúde na Aldeia (uma experiência de educação visual na China);
- 10) - O Boletim Trimestral de Educação de Base (diversos números - 1949-1953);
- 11) - Estudos e Documentos de Educação - (Cadernos impressos e distribuídos pela UNESCO - Vários);
- 12) - Documentos Especiais de Educação - (Do Departamento da Educação - Centro de Informação da UNESCO - vários);

- 13) - Boletins do Centro Audio-Visual - (Da Escola Normal Superior de Saint-Cloud - vários);
- 14) - Listas de filmes e filmes fixos a serem examinados, durante o estágio.

Notas

Os documentos, os filmes e filmes fixos, a serem examinados e vistos, estavam à disposição dos estagiários, em dependências da Universidade de Messina, onde se fizeram as reuniões do Estágio.

Para ler os documentos e assistir aos filmes, todos, qualquer estagiário levaria meses, em Messina, pois subiam uns e outros a algumas centenas.

É de Alfred Métraux a conferência que, a seguir, transcrevemos:

A ANTROPOLOGIA CULTURAL E OS AUXILIARES VISUAIS

NOÇÃO DE CULTURA

De um ponto de vista estritamente antropológico os Auxiliares Visuais podem definir-se como instrumentos utilizados para ajudar a transformação cultural das sociedades ditas "primitivas", arcaicas, ou simplesmente atrasadas, no plano econômico e técnico.

Os processos de mudança a que assistimos, em numerosas regiões do mundo, não se apresentam senão como manifestação, em ritmo acelerado, de fenômenos que não têm cessado de produzir-se, desde os começos da humanidade.

O que parece próprio de nossa época é sobretudo o caráter sistemático e deliberado dessas mudanças. Como muitos outros aspectos de nossa civilização, a aculturação, isto é, a mudança cultural em contacto com outra civilização, é planejada. Desde que as técnicas que discutiremos aqui são destinadas a apresentar modificações no comportamento, nas concepções da natureza, nos ideais tradicionais de diferentes sociedades, só serão elas eficazes, se tivermos em conta as culturas que os diferentes grupos humanos encarnam.

Por cultura, não entendemos a soma dos conhecimentos literários ou artísticos que um indivíduo possui, mas o conjunto de comportamento adquirido por uma sociedade, através das idades, comportamento que é comum a todos os membros dessa sociedade e que lhes permite cooperar e comunicar-se entre si. A cultura, no sentido em que a entendemos, é "nossa herança cultural", o conjunto de nossos conhecimentos, de nossas crenças, leis, nossos costumes, nossos hábitos etc. A cultura é o que distingue o homem do animal, é o instrumento que ele mesmo cria para adaptar-se a seu meio natural, transformando-o, em seu proveito. A "cultura" pode ser também considerada como um "meio" que o homem elaborou e que, tomando-o, desde o nascimento, molda-o, segundo sua forma e estilo. É mais por sua cultura que por suas características biológicas que os grupos humanos diferem, uns dos outros.

Toda civilização tende a crer que as atitudes e as formas de agir que lhe são próprias não constituem a expressão de sua cultura particular, mas a da natureza humana em geral. Nossa civilização se tem tornado culpada desse pecado de orgulho e não foi senão muito recentemente, graças à antropologia, que se chegou a ter consciência desse etnocentrismo. Muitas vezes, atribuímos aos homens de outras sociedades nossas carências, nossas reações e nossos preconceitos. Tal cegueira é particularmente perigosa no momento em que procuramos beneficiar outras sociedades com nossos conhecimentos técnicos.

O PROBLEMA DAS DIFERENÇAS PSICOLÓGICAS
INATAS ENTRE RAÇAS

Há um preconceito ainda muito difundido, segundo o qual as "raças" ditas primitivas seriam dotadas de órgãos sensoriais cuja qualidade diferiria da dos nossos.

Tôdas as experiências feitas nesse domínio têm demonstrado que a acuidade da visão, da audição, assim como a memória fabulosa de que certos grupos parecem dotadas, não se relacionam absolutamente com um sistema nervoso constituído diferentemente de nosso, mas, simplesmente, com uma especialização de caráter cultural. A maneira por que os "primitivos" vêem, ouvem e reagem a certas percepções é, tal como na nossa cultura, condicionada por atividades e por interesses tradicionais.

Ouve-se muitas vezes dizer que certos grupos da África, ou de outras regiões, não distinguem senão um número muito limitado de cores. Em verdade, essa incapacidade é apenas verbal e nada tem com a percepção. Prova disso é o sentido muito delicado que eles manifestam, a respeito de matizes, quando se trata de cousas que revestem importância cultural. Criadores malgaxes têm, para designar os diferentes pelos de seus rebanhos, um léxico tão rico e tão variado, quante o nosso.

Assim como nós utilizamos todos os sons que somos capazes de produzir com nossos órgãos vocais, mas escolhemos um número muito restrito deles, para comunicar-nos, da mesma maneira não retemos, na memória, todos os objetos que se apresentam à nossa vista ou todos os sons que forem nossos ouvidos. Seleccionamos, apenas, os que correspondem a nossos interesses, a nossos gestos e às nossas aptidões profissionais.

A FUNÇÃO DA ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Pode-se considerar como proposição evidente que um bom filme educativo não será realizado, se o cineasta não possui conhecimentos precisos sobre a cultura dos futuros espectadores. Isso parece um truismo, e seria, se não verificássemos que essa condição elementar é muitas vezes ignorada. Mesmo quando o técnico acredita ter adquirido alguma familiaridade

com o meio para o qual trabalha, funda-se, não raro, em impressões rápidas ou superficiais e em inferências e suposições que ele tira de sua própria cultura. Têm-se feito reparos a grandes produtores por produzirem filmes em função das idéias que eles fazem de gosto de público.

Muitos Auxiliares Visuais merecem a mesma crítica. Quantos europeus, animados das melhores intenções, atribuem aos "primitivos" sentimentos ou pensamentos que não são senão projeções de sua própria maneira de ver e de sentir: A antropologia, que é ciência velha de um século e que, na hora atual, apresenta desenvolvimento notável, propõe-se, precisamente, estudar as culturas por métodos científicos, eliminando os preconceitos, as generalizações ousadas e o etnocentrismo, verificando cada informação obtida e analisando cada instituição, em função do conjunto da cultura. Ela preconiza pesquisas longas e pacientes, amostragem rigorosa e observação paciente de comportamento real. Ela aspira à possibilidade de poder prever, com fraca margem de erros, o comportamento de todo indivíduo representativo de uma cultura determinada. Isso é ideal difícil de atingir-se, (estamos longe de negá-lo), mas cumpre-nos atingi-lo, malgrado todos os obstáculos.

A antropologia moderna já alcançou uma soma imensa de informações sobre bom número de sociedades. Dessa acumulação de documentos ressalta que a pobreza do instrumental técnico não corresponde sempre a estruturas sociais ou religiosas simples. Os indígenas da Austrália, que são considerados os mais primitivos de nossos contemporâneos, possuem organização social tão complexa que exige de quem a estuda habilidade pouco comum. De mais a mais, os sistemas religiosos da África revelam-se a nós como teologias superiores, associadas a rituais não menos refinados.

Querer, pois, dirigir-se aos "primitivos", como se eles fossem crianças, seria o mais grave e o mais grosseiro dos erros. São homens, cuja aptidão e inteligência se orientam para fins diferentes e que se acham submetidos a uma tradição diversa das nossas, mas que possuem, no mesmo grau que nós, a faculdade de aprender. Para servimo-nos dos termos da segunda declaração sobre a raça, podemos dizer deles que "são por natureza educáveis".

Não se pode exigir do educador que empreenda por si as pesquisas que o façam penetrar na intimidade de uma cultura estrangeira. Todavia, é legítimo exigir-se que os projetos de certa envergadura que pretendem mudar o curso da história de uma sociedade, sejam empreendidos na base de conhecimento exato do meio cultural, conhecimento que não pode ser o fruto senão de estudos antropológicos.

O SENTIDO DA "PARTICIPAÇÃO". NO EMPRÉGO DOS AUXILIARES VISUAIS

Qualquer filme de fins educativos não pode suscitar impressão durável, se não desperta no espectador sentido de "participação".

Os relatórios publicados sobre reações de espectadores indígenas a filmes educativos assinalam à capita, o sucesso obtido pelas produções em que o público se reconhece a si mesmo e encontra, ao mesmo tempo, cenas familiares. O tema e o objeto que forem separados do quadro cultural poderão excitar curiosidade ou divertimento, mas o espectador não se identificará com as personagens ou a história que lhe são apresentadas. Ele não tirará nenhuma lição do filme que lhe mostrar homens e atividades a que é estranho.

Ora, para suscitar esse sentimento de participação, um conhecimento do gênero de vida e do sistema dos valores é indispensável. Mesmo quando se trata de pormenores puramente estéticos, como o vestuário, o cineasta não pode mostrar-se negligente. Assim, se uma personagem que deve simbolizar a pobreza aparece no ecran trajando jaquetão, toda a trama da história pode vir a tornar-se incompreensível. Observações análogas podem ser feitas a respeito da habitação, da ferramenta etc. Na mesma ordem de idéias, os atributos simbólicos devem merecer atenção, do contrário o efeito que se procura pode ser destruído. Suportemos que sejam, em demonstração de um melhor método técnico e vantagens correspondentes, mal compreendidas e representadas as técnicas indígenas. O alcance inteiro do filme será destruído, pois as críticas não serão aceitas.

O cuidado concedido à menor particularidade liga-se à intensidade com que um público não familiarizado com os Auxílios Visuais reage ao espetáculo que lhe é oferecido. Sua atenção pode ser arrastada para objetos de pouca significação; qualquer fato acessório pode atrair todo o interesse de uma "sala". A interpretação que os estrangeiros dão de sua cultura toma valor incrível a seus olhos.

Se ele se extasia com o realismo, não perdoa, facilmente, um erro grosseiro. Essa atitude não é senão uma transposição do prazer que o etnógrafo causa a seus informadores, quando ele se curva aos costumes locais ou se mostra capaz de uma atividade própria da comunidade.

Quando os efeitos nefastos de uma atividade econômica tradicional são descritas em um filme, seria judicioso mostrar, por outro lado, que se tem consciência das repercussões que uma mudança de métodos pode trazer.

Tomemos o caso da erosão. Não basta mostrar por imagens os resultados funestos da destruição das matas, é preciso também sugerir meios alternativos que remedeiem a pobreza dos solos tropicais, indicar a madeira para a carpintaria e a lenha para o aquecimento etc. É da compreensão das necessidades de uma cultura que nasce a atmosfera de simpatia que permite fazer aceitar as mudanças. Assuntos técnicos, como a criação de animais, não devem ser tratados sem precauções, por força das complicações religiosas e sentimentais que podem acarretar.

O caso dos Masai e outras tribos da África oriental é a esse respeito revelador. Os imensos rebanhos de gado vacum de que se rodeiam afetam, desfavoravelmente, seu bem-estar econômico, tal como o concebemos. Um filme que preconizasse melhor seleção de gado e sua limitação suscitaria, sem dúvida alguma, a indignação mais violenta, pois se estaria se fazendo tábua rasa dos complexos emocionais que unem ali homens e animais. Tratar um boi masai como um simples animal, quando, aos olhos desses indígenas, é um amigo ou um parente, equivaleria a um insulto mortal. Por outro lado, o filme que levasse em conta e mostrasse sob aspecto simpático essa simbiose sentimental, entre o grupo humano e seus rebanhos, despertaria, pelo contrário, disposições favoráveis entre os espectadores. Este exemplo, inteiramente hipotético, foi escolhido de propósito para mostrar as

diferenças que podem existir, conforme as regiões, entre atividades econômicas em aparência idênticas.

Nesta mesma ordem de idéias, o vasto domínio da medicina e da higiene oferece problemas constantes, estando mais que outro qualquer associado à religião e à magia. Parece-nos assaz vão recomendar a uma população possuída do medo da bruxaria que cave latrinas, sem lhe explicar, ao mesmo tempo, os meios de se proteger dos feiticeiros que poderiam aproveitar a ocasião para prejudicar a seus inimigos.

O problema de apresentar, sob forma visual, a origem das doenças, é particularmente árduo. Como representar as causas biológicas das doenças a uma população que tem tendência a lhes atribuir origem sobrenatural? Parece duvidoso que um filme educativo, por melhor que seja, possa, por si só, mudar as concepções dos indígenas, se estes não forem submetidos a ensino prévio que abale sua fé nas instituições mágico-religiosas. Contudo, o cineasta pode ser auxiliado pelo antropólogo que lhe assinalará as doenças, para as quais o público está disposto a ver o efeito em causas naturais e aquelas que lhe aparecem como manifestações de forças mágicas. O cineasta conduzirá, então, seus esforços para as doenças que pertencem à primeira categoria, antes de enfrentar as que vêm do sobrenatural.

A expressão dos sentimentos e das emoções que, como se sabe, varia, conforme as culturas, precisa ser examinada aqui. É um fato conhecido de todos que situações idênticas não provocam em qualquer parte reações análogas e que os sentimentos não se traduzem nem pelos mesmos gestos, nem pelas mesmas expressões faciais. Para não dar senão um exemplo: o regresso de um parente, depois de longa ausência, será saudado na Polinésia por lágrimas e lamentações e não por exclamações de alegria.

É sobretudo na expressão de amor que os contrastes se assinalam, nas várias culturas. Nisso, qualquer passo em falso arrisca-se transformar-se em inconveniência. Os Índios Shoshones, que evitam exteriorizar sua intimidade conjugal, ficaram profundamente chocados com filmes comerciais que lhes apresentaram e concluíram que a maioria dos brancos eram debochados e, além do mais, hipócritas, pois que se metiam a criticar-lhes a moralidade.

O que se chama, em termos científicos, o "etos", isto é, o sistema de valor atribuído aos atos e às palavras, em uma dada cultura, deve ser escrupulosamente observado. O público das salas populares marroquinas gosta pouco das piadas dos atores cômicos, julgando suas pilhérias indecentes para homens cultos. Mulheres africanas, a quem se explicava pelo filme como era preciso fazer para banhar uma criança, ficaram admiradas de não se começar a limpeza pela cabeça. Exemplos dessa natureza poderiam multiplicar-se.

RECURSOS QUE A ANTROPOLOGIA PODE

OFERECER AOS TÉCNICOS

A antropologia não se deve limitar ao papel, por demais negativo, de assinalar os erros ou as "gaffes" suscetíveis de prejudicar a eficácia de um filme. Ela tem diante de si tarefa mais fecunda, a de oferecer ao cineasta temas, tirados da vida cotidiana do público a que se dirige e também de lhe fazer conhecer os mil e um incidentes de que pode tirar partido para enriquecer o seu cenário. É precisamente pelo uso judicioso desse material que o cineasta criará no espectador o sentimento de participação que nos parece essencial.

O folclore constitui fonte inesgotável de anedotas ou de exemplos que projetados no ecran serão imediatamente compreendidos e que, além de tudo, serão recebidos com entusiasmo. Grande número de sociedades possuem no seu folclore uma personagem que é ao mesmo tempo um cômico (trickster), um ingênuo ou um cristo. Atribuem-se-lhe os erros que foram na origem maldições que pesam sobre a humanidade. Sua ignorância enfatuada e sua irresponsabilidade poderão ser utilizadas, fazendo-se dele o símbolo da ineficácia, quanto um herói civilizador, inovador por excelência, poderá desempenhar o papel tradicional de benfeitor e de espírito ousado. As lições trazidas pelo filme sob essa forma se integrarão no ensino que tem, além de mais, o mérito de divertir o público.

Se se trata de apresentar cartazes ou ilustrações, convém inspirar-se em símbolos que tenham curso em uma determinada cultura. Não esqueçamos nunca que as cores despertam associações diferentes e que uma mensagem pode perder em parte sua significação, se está acompanhada de símbolos contraditórios.

O uso do folclore local, dos motivos artísticos familiares e as alusões à história real ou mística do grupo contribui para reforçar o sentimento de dignidade que é tantas vezes ameaçado pelo contacto cultural. A tendência de uma sociedade arcaica, cuja cultura se desagrega, é desenvolver entre seus membros mal-estar em face de suas antigas tradições. Muitas vezes a distância que a separa da civilização ocidental é tão grande que o medo de não a poder transpor engendra o pessimismo.

Apresentando as inovações desejadas, no quadro mesmo da cultura, rende-se a esta uma homenagem a que são sensíveis os espectadores e ajuda-se a estes vencerem sua desconfiança, por si mesmos, e seu esmorecimento.

ATITUDE EM FACE DO CINEMA EM GERAL

A atitude de uma sociedade em face do cinema merece ser examinada atentamente. Cada dia, grupos cada vez mais numerosos, que habitam as regiões mais recuadas do mundo, têm ocasião de ver filmes. Raros são os indivíduos que experimentam sentimento de medo. Em alguns casos, verificou-se que personagens projetados no ecrã pareciam fantasmas; geralmente, contudo, passado o primeiro choque, os povos mais "primitivos" tomaram gosto muito vivo por essa nova forma de divertimento. Como os filmes projetados são dificilmente compreensíveis pelos motivos já enumerados, as salas de espetáculo devem ter um comentador titulado que explique as cenas, à medida que elas se desenrolem. Em certas aldeias dos Índios Maya, o cinema é considerado como um dos atributos indesejáveis de nossa civilização. Os indígenas viam seu aparecimento com receio, temendo que se viesse a tornar necessidade onerosa para as jovens gerações. Entre os Balinais o cinema foi recebido, friamente, e foi julgado como um divertimento aborrecido. Esse reparo se entendia, naturalmente, com filmes comerciais que não tinham sido feitos para o público a quem eram exibidos; mas é importante lembrar que os membros de sociedades arcaicas não são crianças e que, cessando a novidade de os transformar corrijam por si mesmos as faltas de interpretação cometidas por falta de hábito e exijam que o filme os "interesse".

"Por que ir ao cinema para ver cavalos e galinhas, quando posso vê-los de graça?" exclamava um Índio Haya, saindo de um cinema rural. Seria bom evitarem-se tais críticas.

CONCLUSÕES

- 1) O cineasta deve ter em muita conta a cultura do meio para o qual prepara o seu filme.
- 2) Ele não deve considerar o seu público como sendo formado de crianças grandes, mas de homens, cuja visão do mundo, bem que diferente da sua, é valiosa e respeitável.
- 3) A falta de hábito não deve ser equiparada a defeitos inatos de inteligência ou a diferenças de percepção.
- 4) O espectador deve ser chamado a participar do filme e para isso é preciso que se identifique com o assunto.
- 5) A antropologia tem meios e técnicas para facilitar a tarefa do cineasta.

A conferência de Robert LeFranc, que em seguida transcrevê~~o~~, forneceu matéria para debates prolongados, pela substância técnica de que está impregnada e pela segurança de conceitos que tornaram o autor figura de prôl nos trabalhos do Estágio.

OS AUXILIARES VISUAIS,

A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO DE BASE

Os meios modernos de comunicação têm permitido evolução rápida de todos os países e, em particular, têm dado lugar mais importante, por vêzes mesmo capital, a povos que ficaram, durante muito tempo, à parte das grandes correntes de civilização, por motivos geográficos, políticos ou sociais. Essa ascensão cria deveres. Se as nações jovens querem ter no mundo o papel a que aspiram, cumpre-lhes, antes de tudo, assegurarem a promoção social e cultural dos indivíduos, dando-lhes ao menos uma "educação de base" eficaz e durável.

Tal educação suscita problemas de amplitude sem precedentes. Trata-se de instruir milhões, às vêzes centenas de milhões de indivíduos de tôdas as idades, que falam línguas diferentes. Não basta ensinar-lhes, primeiro, a ler, mas, antes de tudo (ou simultaneamente, conforme os casos), dar-lhes, rápida e eficazmente, conhecimentos sólidos em domínios diversos, como a higiene, técnicas de trabalho e instrução cívica. Os países da Europa chegaram a êsse resultado por um esforço de escolarização progressiva que levou vários séculos. Não se pode adotar o mesmo sistema no caso presente: seria preciso de antemão formar mestres que faltam, cruelmente, escolarizar uma parte das crianças, negligenciando, totalmente, o maior número, a saber, os adultos.

A tempos novos, fórmulas novas. O apêlo às técnicas audio-visuais e, particularmente, ao cinema e à projeção fixa, parece fornecer solução razoável que já deu provas de eficiência. A utilização dessas técnicas poderosas e eficazes, porém, apresenta questões delicadas às quais nem sempre é possível dar resposta, dada a insuficiência da experimentação. Tornou-se, por isso, necessário elaborar uma pedagogia, mesmo provisória, de en

prêgo das técnicas audio-visuais, a serviço da educação de base.

Depois de ter salientado a contribuição que se pode esperar delas, esforçar-me-ei por destacar, à luz das experiências já realizadas, alguns princípios pedagógicos de aplicação.

I - CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

-- Uma representação concreta do mundo.

O educador deve fornecer ao estudante uma seleção adequada de experiências concretas, condição de todo ensino frutífero, mas como obter-lhas? Por apêlo ao meio ambiente imediato? Naturalmente, e por prioridade. Acontece, porém, que o número das mesmas é limitado e importa "sair a criança ou o adulto de sua região". Por que meios, então? À falta de contacto directo com os homens, coisas ou fenómenos, o educador deve dar representação disso, tão concreta quanto possível. As técnicas audio-visuais são as únicas que permitem alcançar êsse objetivo. Elas abrem sobre o mundo uma ampla janela.

Coloquemo-nos, por um instante, na situação de um habitante de aldeia do interior africano. Fora da experiência ancestral, fora das dificuldades e trabalhos cotidianos, fora das tradições e dos costumes de sua tribo, não tem ôle nenhuma noção do resto do mundo. Esta, entretanto, condiciona sua promoção social; tanto isso é verdade que as grandes civilizações são o fruto de mudanças constantes. O cinema lhe fará descobrir outros céus, paisagens diversas, homens de tôdas as raças, cidades estranhas, técnicas de trabalho desconhecidas. Ele lhe oferecerá, também, em comparação, técnicas próximas das suas, que tomarão logo, sob a ação de um educador avisado, o valor de exemplo. O cinema permite a cada indivíduo "sair de sua aldeia".

-- Multiplicação dos documentos e dos auditórios

Um documento dado, um filme por exemplo, foi produzido em um país determinado, onde deu provas de sua eficácia pedagógica. É provável que possa prestar grandes serviços em outros

países. Pode-se, então, tirar dele grande número de exemplares. O esforço de criação do realizador do filme aproveitará a milharas, sim, a milhões de indivíduos.

— Manejo e possibilidade de adaptação dos documentos

Evidentemente, concebido em um meio determinado e para fim preciso, um filme será raramente adaptado a auditórios que pertençam a meios diferentes. Entretanto, o mesmo será facilmente adaptável: adaptação do comentário, adaptação da estrutura, adaptação mesmo da velocidade de projeção. O filme e a projeção fixa propõem a todos os educadores documentos e instrumentos que eles devem adaptar ao nível e às necessidades de seus auditórios. A esse respeito, até mesmo um mau filme fornece às vezes excelentes documentos.

— Auxílio valioso, em falta de educadores.

Assinalei mais acima a penúria trágica de educadores qualificados em numerosos países. É uma das razões pelas quais é impossível organizar-se ensino por classes de 30 a 40 alunos. Os Auxiliares Visuais permitem aumentar consideravelmente a importância das "classes", que podem compreender às vezes várias centenas de "alunos". O cinema, por exemplo, serve a vastos auditórios, principalmente se a projeção se desenvolve ao ar livre e não exige sala de dimensões suficientes. Um só educador, apoiando-se em técnicas visuais apropriadas, poderá instruir um número de alunos superior ao que ele instruiria nas condições tradicionais de ensino.

— Harmoniosa combinação das vantagens do ensino coletivo e do ensino individual.

Será preciso dizer-se que as técnicas Audio-Visuais não podem oferecer senão um ensino rígido e estereotipado? À falta de mestres, não se vai apelar para máquinas, para aparelhos automáticos, sem desconhecer, no entanto, o caráter humano e individualizado de todo ensino proveitoso? Trata-se, apenas, de ver, na educação, o que pode ser coletivo e automático, de ensiná-lo em espaços de tempo mais curtos e da maneira mais efi

cas, para consagrar tempo maior à ação educativa individual. A utilização consciente dos automatismos conduz à ação refletida. Se, por exemplo, um educador competente pode dirigir-se a algumas centenas de indivíduos, valendo-se de cinema e da projeção, monitores especialmente treinados poderão, utilizando os mesmos meios, espalhar e estender o ensino do mestre a grupos mais restritos, cuja importância não vá além de uma classe tradicional. Ainda melhor: se as condições materiais permitem, nada obsta a que os alunos retemem, isoladamente, certos documentos, analisem-nos, sossegadamente, revejam-nos e escutem-nos, tantas vezes quantas desejem. Tais métodos têm dado excelentes resultados, em particular no ensino das línguas, por meio do disco e do magnetofono. Judiciosamente utilizadas as técnicas audio-visuais completam, aprofundam e prolongam a ação direta e pessoal do educador.

- Ensino eficaz e acelerado.

Concreto, adaptado rigorosamente pelo mestre ao nível do auditório, o ensino pelas técnicas audio-visuais tem dado provas de sua eficácia em todos os graus de cultura, em todas as disciplinas, das mais abstratas às mais concretas, muito especialmente, é claro, nas últimas. Ora, a educação de base procura, antes de tudo, fornecer ao indivíduo dados concretos, susceptíveis de tradução imediata em ação. Ela pode, pois, esperar do cinema e da projeção fixa rendimento máximo. Em um tempo dado, pode-se ensinar um mínimo maior de conhecimentos. O processo educativo se acha consideravelmente acelerado, em proveito do mestre, como dos alunos. Resta, agora, ver por que motivos.

II - DADOS PSICO-PEDAGÓGICOS

As técnicas audio-visuais, por sua natureza mesma, favorecem, ao máximo, o ato educativo.

- Estímulo da atenção

Apresenta-se um filme a jovens alunos ou a adultos;

resultado é sempre o mesmo: a atenção deles se lança, primeiro, para o projetor, depois para a tela. Esse estímulo da atenção é salutar, pois cria condições preliminares excelentes ao ensino, como têm provado numerosas experiências. A intervenção da "máquina" parece particularmente indicada no momento em que, durante uma aula ou uma conferência, a atenção começa a declinar. É necessário então oferecer-lhe um suporte visual.

Tem-se objetado que a atenção às vezes se acha mais atraída pelo projetor, que pela tela. Com efeito, o espontaneamente, a criança ou adulto, que jamais assistiram a uma sessão de cinema, procuram ver funcionar o projetor, mas, logo depois, toda a atenção se vira para a tela. Essa região violentamente aclarada atrai muito intensamente o olhar do espectador, por motivos puramente psicológicos, que não podemos desenvolver aqui.

— Possibilidades infinitas de motivação

Sem substrato afetivo, todo ensino tende ao fracasso. O indivíduo deve ter a impressão de que os conhecimentos que lhe querem transmitir correspondem a uma necessidade biológica, social ou cultural sua. Ele acompanha, então, voluntariamente, o ensino que lhe propõem. O filme permite, precisamente, apresentar os fatos de tal maneira que cria essa motivação, mesmo quando ela está ausente no começo. Não raro, é preciso dramatizar a apresentação de certos fatos, para se estar seguro de captar toda a atenção do auditório. O filme torna-se, então, um instrumento incomparável, de que deu provas, nesse domínio, tanto em salas de espetáculos, quanto em salas de aula. Reconstituindo, facilmente, uma atmosfera e uma situação, graças a um duplo suporte visual e sonoro, ele oferece ao educador um instrumento insubstituível que lhe fazia falta até bem pouco tempo.

— Linguagem facilmente assimilável.

O filme chega aos espectadores por intermédio de imagens. Essa linguagem - imagem é, ao mesmo tempo, simples e sugestiva: "uma imagem vale dez mil palavras", diz um provérbio chinês. Trata-se de linguagem elementar, a mais diretamente acessível a todos, com uma vantagem suplementar: tem significa-

ção internacional; sem distinguir a língua materna, todos os homens são, sem esforço, aptos a compreendê-la.

Entretanto, torna-se preciso formular, desde logo, reservas, às quais tornarei mais tarde. Vários indivíduos não veem a mesma coisa na mesma imagem: tudo dependerá de sua experiência anterior. O educador deve, pois, ajudar o aluno, na análise da imagem e não deixar que ele a interprete a seu gosto. Por outro lado, o cinema é uma seqüência de imagens organizadas. Essa organização condiciona a compreensão do filme por indivíduos de determinado grupo: nisso reside, sem dúvida, o problema fundamental do cinema. A imagem constitui uma linguagem facilmente acessível, mas é preciso saber fazê-la falar.

-- Organização pedagógica da realidade

Um inseto, uma máquina, uma paisagem terão, respectivamente, para o naturalista, o engenheiro ou o geógrafo, significação toda particular, determinada pelos interesses e pelas experiências anteriores destes. Mas qual será a significação da máquina para o geógrafo e do inseto para o engenheiro? Se máquina e inseto constituem assuntos de ensino geral, sua apresentação aos alunos deverá ser feita sob forma tão diretamente assimilável quanto possível. Quanto mais baixo for o nível cultural do indivíduo, tanto mais deve o educador cuidar da preparação e da apresentação dos conhecimentos. Destinar-se aos estômagos das crianças alimentos pré-digeridos. Torna-se preciso, também, a uma operação da mesma ordem os conhecimentos que se deseja transmitir a alguém, para os adaptar, da maneira mais perfeita que se puder, aos cérebros a que se destinam.

As técnicas audio-visuais atendem a essa necessidade. Um filme de ensino, por exemplo, não copia a realidade; seleciona somente os elementos significativos para o auditório e úteis para a demonstração, reproduz-os sob forma facilmente observável e compreensível. O filme restitui a realidade reorganizada, pedagogicamente utilizável e conforme a um nível mental determinado.

-- Ensino democrático

Ninguém deve, pois, admirar-se dos resultados essen-

cialmente confirmados, em todos os países, por experiências múltiplas, nos diferentes graus da educação. Se as técnicas audio-visuais são utilizadas, racionalmente, em uma classe, todos os alunos aproveitam do ensino, enquanto que, muitas vezes, só os que são chamados "bons alunos" tiram proveito do ensino que qualificarei de tradicional. Os indivíduos de nível médio ou medíocre encontram, enfim, a ocasião almejada: um ensino visual e racional, conforme a suas necessidades e cientificamente adaptado a suas possibilidades psico-pedagógicas. Naturalmente, os indivíduos de nível mais elevado não têm, igualmente, senão que felicitar-se pela mudança. As técnicas audio-visuais trazem consigo uma resposta ao desejo expresso, há tanto tempo, pelos educadores: um ensino realmente "democrático", um ensino que se destina a todos os indivíduos.

III - CONDIÇÕES PEDAGÓGICAS DE UTILIZAÇÃO

Muito eficazes nas mãos do educador especialmente treinado, filmes e filmes fixos podem ser inúteis, até mesmo prejudiciais, se manejados por educador medíocre. Sua utilização cria, com efeito, problemas pedagógicos delicados. Convém que se elabore, assim, uma pedagogia especial, de que não possuímos, presentemente, por falta de experiências em número suficiente, senão os primeiros elementos. É tão importante meditar, com cuidado, sobre os princípios fundamentais dessa utilização, quanto importante é o direito que temos de formulá-los.

— Assegurar-se de que o auditório compreende bem a linguagem que se quer empregar.

Conforme disse antes, a despeito de aparências fáceis, a linguagem-imagem, sobretudo no caso de imagens animadas, não é facilmente acessível a todos. Múltiplas experiências têm revelado grosseiros erros de interpretação. Um indivíduo de certa idade mental não poderá compreender algumas técnicas cinematográficas. Como poderia ser de outra forma? A aprendizagem da linguagem falada e escrita exige vários anos de ensino: ensinam-se à criança, primeiro, palavras isoladas; depois, ela constrói uma frase muito simples, com sujeito, verbo e complemento

direto; acrescenta a isso, posteriormente, complementos indiretos e circunstanciais. Muito mais tarde, inicia-se o aluno nos mistérios das proposições principais, coordenadas e subordinadas. A linguagem cinematográfica comporta, por sua vez, sujeitos, verbos e proposições diversas. Por que, então, tantos educadores esperam da criança ou do adulto compreensão imediata do filme? Essa atitude constitui, sem dúvida, o perigo maior que ameaça a utilização pedagógica dos auxiliares audio-visuais. Por um treinamento especial, cumpre, antes de mais nada, ensinar aos indivíduos a "ler o filme".

Não é, absolutamente, supérfluo lembrar aqui alguns dos problemas mais delicados:

— Problemas dos planos.

A criança ou o adulto, que não tem hábito de cinema, compreende, com dificuldade, a sucessão de planos de grandezas relativas e sua hierarquia, elemento fundamental da sintaxe cinematográfica. Por exemplo, muitas vezes a ligação entre um plano geral e um plano principal lhes escapa, totalmente.

— Problema das técnicas utilizadas.

"Figuras de estilo cinematográfico", tais como a panorâmica ou a de movimento, não são compreendidas antes de uma idade mental avançada. Seu emprego pode provocar no espectador, de forma inesperada, o riso ou o medo e aniquilar todo o esforço de compreensão.

— Problema do tempo cinematográfico.

Em um filme, o "tempo normal" constitui já aceleração considerável em relação à realidade. O indivíduo não previsto poderá acompanhar esse movimento imposto? Com mais forte razão, mesmo na idade mental de 10 a 12 anos, a "eclipse" e o "retour en arriere" conservam todos os seus mistérios. É também muito provável que as técnicas do "acceléré" e do "ralenti" não tenham lugar nos filmes de educação de base.

— Problema da escala

Da mesma forma, os planos de conjunto e as microfotografias não poderão ser utilizadas sem as maiores precauções: têm-se registrado, muitas vezes, depois da projeção de filmes, considerações altamente fantasistas sobre o tamanho fabuloso de micróbios ou de insetos. É preciso, pois, que se forneça sempre um ponto de referência capaz de dar uma idéia da grandeza real.

— Problema do esquema

Todo esquema participa de uma abstração mais ou menos acentuada. Ainda quando a relação com a realidade se acha bem sublinhada, mesmo quando a transição do real para o esquemático está cuidadosamente assegurada, o espírito do adulto não evolui de compreenderá muito dificilmente o esquema, por falta de poder de abstração suficiente. Não é de admirar, pois, que, nessas condições, o emprêgo do desenho animado, na educação de base, seja particularmente controvertido.

— Problema da unidade de ação:

O seguimento, em um mesmo filme, de duas ou várias ações paralelas e simultâneas parece prejudicar, consideravelmente, a compreensão e necessitar de múltiplas explicações. Pelo contrário, o auditório segue, com proveito, uma ação simples e única, capaz de ministrar um ensinamento.

Todos êsses problemas aparecem ligados em definitivo ao modo de compreensão do indivíduo culturalmente pouco evoluído, criança ou adulto. Cada plano, cada cena, cada seqüência de filme comporta efeito específico. Opondo-se a essa especificação, o cinema começa a lutar pelo estabelecimento de relações no tempo e no espaço, em uma palavra, pela organização. Mas o indivíduo de nível mental baixo, que nos interessa aqui, revela um modo de observação global, sinerético. Será sempre possível lutar, vitoriosamente, contra o perigo de compreensão lacunar inerente ao cinema? A organização lógica triunfará da observação sinerética? Contra êsses inconvenientes, o produtor do filme e seu utilizador devem juntar seus esforços.

* * *

Intencionalmente, enumerarei, rapidamente, alguns dos problemas que apresenta a utilização do cinema, linguagem-íma- gen particularmente complexa. Certos educadores, conscientes desses problemas, mas alarmados com sua amplitude, transferem, de caso pensado, todo o seu interesse para o filme fixo. Ora, sob aparências mais fáceis, a projeção fixa conhece bom número das limitações, na expressão, que acabo de mencionar, a propó- sito do cinema.

SELECIONAR A TÉCNICA E O DOCUMENTO.

EM FUNÇÃO DE CRITÉRIOS PSICO-SOCIAIS E PEDAGÓGICOS

- Crítérios psico-sociais: - a educação de base não se propõe a modificar, abruptamente, o comportamento dos indivíduos, mas a chegar, pouco a pouco, por ação contínua e refletida, à evo- lução racional. Não se deve, pois, utilizar nunca documen- tos que estejam em oposição flagrante com os costumes e hábi- tos da aldeia ou da região. Do contrário, os indivíduos rea- girão de maneira negativa, ou mesmo de maneira hostil, cheia de conseqüências para o prosseguimento da experiência. O edu- cador deve conhecer bem o filme ou o filme fixo que vai uti- lizar e poder prever as reações de seu auditório. Não fal- tam exemplos de filmes que, mostrados sem as precauções devi- das, desacreditaram para sempre aos olhos da população aquê- le que lhes havia projetado e desencadearam reações brutais e imprevistas.
- Crítérios pedagógicos: - diante de determinado problema, o educador deve levantar o inventário dos documentos de que se pode munir. Deve estudá-los, com cuidado, escolhê-los, con- ciênciaosamente, sem idéias preconcebidas, sobre o valor relati- vo dos meios: um bom filme fixo pode prestar-lhe serviços su- periores aos de um mau filme animado, se o movimento não for necessário à compreensão. Algumas seqüências isoladas do filme são úteis ao ensino? Pode ser prejudicial projetá- lo na totalidade. Algumas vistas bem escolhidas, extraídas de

um filme fixo, podem ter mais efeito que o conjunto das vistas, das quais muitas não têm, sem dúvida, interesse para o caso em foco. O mestre não deve tornar-se nunca escravo do documento visual. Só a contribuição pedagógica que se espera deve guiar a escolha da técnica, do documento ou das partes do documento.

- Provocar e manter motivação apropriada: - todo ensino desprovido de substrato afetivo está votado a fracasso, com muito mais forte razão, ainda, quando se trata de crianças ou adultos, cujo desenvolvimento mental apenas começa. Antes de apresentar filmes e filmes fixos didáticos, portadores de mensagens, convém que o educador se capacite de que os indivíduos, a que se destinam, estão, se assim se possa exprimir, "em estado de graça", isto é, em boas condições de receptividade da mensagem.

Em uma sociedade economicamente subdesenvolvida e, eventualmente, subalimentada, as necessidades biológicas podem fornecer os fatores mais poderosos de motivação. Mas não convém, em caso algum, subestimar a força das necessidades sociais e culturais, que talvez não seja fácil descobrir, em uma sociedade fechada, cuja cultura se desenvolveu, sem contactos exteriores. Não se deve hesitar, também, em apelar para as emoções mais primitivas, se elas permitem assegurar a continuação do interesse pelo ensino proposto, cuja importância vital aparece em tão muito nitidamente.

Se a necessidade a que o educador procura atender existe em estado latente no aluno, sua tarefa torna-se fácil; muitas vezes, porém o adulto ou a criança não experimentam, sem esforço, a necessidade de ensino que lhes querem inculcar. O educador deve, então, despertar esse interesse, criar essa necessidade e mantê-los, cuidadosamente. Certos filmes especiais o auxiliarão, consideravelmente, nesse empreendimento.

Seguramente, não se trata de suscitar necessidades superfluas e artificiais, outro perigo que a educação de base deve evitar.

Se o que se quer despertar não melhora a vida do grupo, se não podem ser satisfeitas, essas necessidades engendram descontentamento e tornam-se nefastas. Para julgamento de valor

real, devemos livrar-nos de nossas idéias preconcebidas de europeus.

Admitida a necessidade, o educador procurará, por todos os meios, despertar o interesse, condição preliminar do ensino. Que ele se assegure, antes de tudo, da existência desse interesse. Muito mais que a criança, o adulto dos países subdesenvolvidos está disposto a proclamar, em altas vozes, seu interesse, por polidez, por respeito, ou mesmo, às vezes, por temor do educador estrangeiro.

Durante todo o tempo da experiência, o interesse deve ser mantido, controlado e aumentado por estimulação hábil, sempre eficaz, se não se perde de vista, como ponto de referência, o meio local, seu modo de vida e suas necessidades vitais.

- Ter em conta a experiência anterior do indivíduo e ir, cuidadosamente, do conhecido para o desconhecido: - Antes de qualquer tentativa, o educador deve estudar o meio comportamental dos indivíduos que lhe são confiados. Esse estudo procede, com freqüência, do método empregado na pesquisa pessoal, porém pode ser consideravelmente melhorado, se se tornar possível o aproveitamento de trabalhos de especialistas, tais como sociólogos e etnólogos.

Esse conhecimento do meio garante a eficácia do ensino: sua unidade, igualmente, pois que é adaptado às necessidades do meio psico-social. Antes de apelar para os documentos visuais, o educador deve, sempre que for possível, fazer que seus alunos procedam a uma observação dirigida das condições atuais do meio, precisamente daquelas que pretende modificar. O filme e o filme fixo permitirão, em seguida, completar essa observação, associar a ela a observação de condições diferentes e desejáveis e oferecer novas perspectivas às capacidades de expressão e de ação dos alunos.

A referência constante ao meio toma importância ainda maior no caso de grupos sociais muito fechados, cujos indivíduos tenham tendência a não acreditar no que vem de fora; a tal ponto, que, para instruir autóctones na luta contra as doenças, tem-se, por vezes, com sucesso, assimilado a ação dos micróbios apresentados na tela, fenômeno científico incompreensível para eles, à ação maléfica de certas divindades locais. Sempre que for possível, deve-se proceder, assim, por analogia.

Isso cria um grave problema, no caso do cinema, que tira grande parte de sua força do processo de identificação: o indivíduo assimila a sua situação à que ele vê desenrolar-se na tela, à de um autor que ele sente próximo de si e que querará imitar. Se o ator lhe é totalmente estranho, o papel que desempenha não terá qualquer alcance. Pelo contrário, o indivíduo viverá intensamente um filme em que se reconhecer. A produção local ou regional de filmes e filmes fixos permite responder a essa aspiração. O educador conseguirá muitas vezes maior proveito de um filme realizado no local da experiência, mesmo se ele é tecnicamente imperfeito, porque os indivíduos se reconhecerão ou reconhecerão seus semelhantes. Não haverá qualquer mudança de hábitos e usos.

Ainda mais: essa produção local pode dar oportunidade de aproveitamento de aptidões naturais de certos elementos do grupo para a atividade dramática, para o desenho, para o amadorismo profissional etc. A contribuição pessoal reforça, consideravelmente, o interesse desses elementos pelo ensino.

- Integrar em um conjunto educativo e coerente o documento utilizado, que se deve tornar um meio: - Em todos os países, por falta de treinamento adequado, numerosos educadores, mesmo dos melhores, são vítimas de certa "tirania do filme". Eles têm desempenhado o papel de aprendizes-feiticeiros. Recorrendo à ajuda de instrumento poderoso, deixam de ser mestres e, insensivelmente, o filme cessa de ser simples meio, para tornar-se fim. Só em casos muito raros, podem os filmes chegar a isso. Uma das principais razões é sua inadaptação à classe ou ao aluno. Propõe-se a milhares de alunos um filme que foi montado e sonorizado, uma vez por todas. Ora, não existe mesmo nas condições de estandarização do ensino europeu, duas classes semelhantes. O ensino do filme deve ser adaptado pelo mestre à experiência passada e presente dos alunos e da classe.

É a mesma coisa (e com mais forte razão) com a educação de base, em que as condições locais são únicas e exclusivas. Trata-se de enquadrar e completar o filme, cuja ação própria, isolada, não teria, sem dúvida, senão eficácia bastante reduzida.

O educador deve, antes de tudo, fazer acompanhar o filme de comentário apropriado. O auditório compreende a linguagem do comentário impresso? Muitas vezes, não. Ainda que esteja apto a compreendê-lo, o ritmo não é muito rápido? Sobretudo, não compreenderia melhor o comentário melhor o comentário na língua local? Novos meios técnicos permitem fazer, em fita magnética, um registro especial para determinado auditório. Se não se dispõe desse material, urge apelar para um "speaker" local e treiná-lo, previamente. Em todos os casos, o educador deve escrever, novamente, o comentário, adaptá-lo, abreviá-lo, não raro, intercalando longas pausas, propícias às meditações, às perguntas e às respostas.

Durante a projeção e depois dela, importa completar a linguagem fílmica. (Linguagem - imagem, direta, fica imperfeita). Por exemplo, sua gramática ignora as conjugações. A ação é sempre presente para o espectador não prevenido. Para ele, é preciso, pois, de viva voz, restituir a sucessão e a continuidade temporal.

O filme deve ser sempre completado, com proveito, por outros documentos que o acompanharem, normalmente, ou que tiverem sido encontrados ou confeccionados no local: filmes fixos, vistas em "phofold", cartazes etc. Estes permitem um estudo mais demorado de certos pontos, de certas cenas, estudo que não seria possível nas condições habituais da produção cinematográfica. Se for necessário, uma segunda projeção de filme restituirá a unidade dinâmica do conjunto.

Conservar sempre de pé o objetivo principal: a ação: - O cinema-espetáculo não tem outra intenção, além da distração do espectador. O filme didático, pelo contrário, é solidário com a pedagogia do esforço. É um começo e não um fim. Ele abre caminho à ação ou, pelo menos, a um esforço de pensamento pessoal.

Se o filme tiver êxito, já estará preformada a ação na apresentação. A projeção prega o indivíduo ao assento, interdita-lhe qualquer mudança de lugar e contém os seus movimentos. A projeção é expectativa, a ação libera. O filme, interpretado pelo educador, deve induzir à familiarização com a realidade, dispor às transições e aos contactos necessários, orientar a ação no sentido desejado. Naturalmente, o meio deve ofe-

recor possibilidades de ação; muitas vezes, têm-se projetado filmes, recomendando o uso da charrua, até do trator, a pobres camponeses, que não têm à sua disposição senão uma reles enxada.

Principalmente, no caso da educação de base, a ação deve ser mensurável, porque ninguém pode, por motivos indicados, mais acima, estar seguro, por outra forma, da compreensão do indivíduo. Trabalhos, construções, tentativas controláveis revelarão o alcance do filme. Mais tarde, as estatísticas confirmam talvez o poder criador de uma série de filmes cujo efeito cumulativo se manifesta, às vezes, a longo prazo.

Não há milagres em educação. Filmes e filmes fixos não são panacéias universais. Mas eles trazem, sobretudo ao serviço da educação de base, meios mecânicos eficazes que reforçarão, poderosamente, a ação humana do educador do século vinte.

* * *

Ultimada a primeira semana do estágio, em que se ouviram as conferências programadas, entraram os estagiários a trabalhar em grupos. Todas as reuniões se fizeram, tanto as plenárias, como as de grupos, em dependências da Universidade de Mogina, ambiente dos melhores e mais adequados, pelo conforto, distinção e bom gosto de que está impregnada toda a instituição da elite científica e artística da região.

Eram três os grupos de trabalho:

- a) - de produção
- b) - de utilização
- c) - de formação de técnicos.

O delegado do Brasil, além de escolhido para integrar o Comitê-Diretor do Estágio, com representantes dos Estados Unidos, Grã Bretanha, França, Índia, Jordânia e Libéria, foi designado para os trabalhos do 2º grupo: - utilização dos auxiliares visuais, na educação de base.

Depois de duas semanas de trabalho, chegou o grupo às conclusões que adiante juntamos, as quais foram incorporadas,

posteriormente, ao relatório provisório do Estágio.

Dia a dia, com interrupção apenas dos domingos, quando se faziam excursões, para visitas a lugares históricos, relacionados com o Estágio, onde se verificavam, às vezes, aspectos e amostras filmadas, escritas ou desenhadas, reuniam-se os componentes dos grupos, pela manhã e à tarde; à noite, também, para apreciação de filmes didáticos e educativos.

Com presidentes e secretários eleitos pelos elementos de cada grupo, trabalhavam estes, intensamente, participando dos debates, expondo seus pontos de vista e apresentando sugestões, tudo em ambiente de mais franca cordialidade e de mais expressiva cooperação. Após duas semanas de labor algo exaustivo, apresentaram os grupos as suas conclusões e as suas recomendações, constituindo estas o precioso material, com que a Comissão do Relatório Geral trabalhou, durante a última semana do Estágio.

De interesse imediato para o Ministério da Educação e Cultura são essas conclusões e recomendações, pelo que juntadas ao presente relatório, adverte-se que se trata de matéria provisória, cuja redação final está a cargo de comissões especiais do Secretariado Geral da UNESCO, que promete o trabalho definitivo, dentro de algum tempo, aos países participantes do Estágio.

Vão anexos os originais das conferências e dos documentos, a que faço menção, no correr deste trabalho, reafirmando o propósito de traduz-los todos para a Revista Nacional de Estudos Pedagógicos, se nisso convier a direção do INEP.

Não deixo passar a oportunidade, para dizer de minha intervenção, várias vezes, no correr dos debates, tanto em plenário, como em sessões de grupo, o que me valeu recomendação ulterior a tarefas de colaboração, como no caso da interpretação de filmes brasileiros, com comentários em português, língua absolutamente desconhecida dos estrangeiros, mesmo italianos e franceses. Assim também, quando os estagiários, de modo geral, ao terem conhecimento do material que o delegado do Brasil havia conduzido consigo, sobre a Campanha Nacional de Educação de Adultos, quiseram saber pormenores desse empreendimento e entretiveram com o mesmo, durante mais de uma hora, em sessão adre convocada, o mais cordial entendimento.

Do interesse despertado pela nossa comunicação dão provas as cartas que tenho recebido do Centro de Informação da UNESCO, das quais junto cópias ao presente relatório.

Já providenciei, atendendo ao apêlo do dito Centro de Informação, quanto à remessa do material solicitado, como pe di o intercâmbio direto do mesmo com o Departamento Nacional de Educação.

Neste ensejo, juntando o material trazido do Estágio, sugiro seja o mesmo enviado ao Instituto Nacional de Cinema Edu cativo, a quem interessa, mais diretamente, o documentário em apreço.

IIª PARTE

Além da designação para o Estágio de Estudos sobre Auxiliares Visuais na Educação de Base, na Sicília, recebi do diretor do INEP a incumbência de aproveitar a viagem à Europa, para examinar as condições em que se processam, em alguns países do Velho Mundo, o aperfeiçoamento e o treinamento dos professores de ensino normal e primário.

Nesse sentido, mesmo durante os dias do Estágio, procurei investigar quanto havia sobre a matéria, em palestras com elementos dos países a visitar, uma vez concluídos os trabalhos na Sicília. Não me eram difíceis esses contactos, sobretudo com educadores italianos, com quem convivia, diariamente. O mesmo acontecia com franceses, belgas e suíços.

Da Itália, França, Bélgica e Suíça trago dados que apresentarei a seguir, lamentando tenha sido tão reduzido o tempo de que dispunha para essa coleta, atormentado que andava, em terra estrangeira, com falta de numerário, para ter paz de espírito e trabalhar, e com a falta de transporte para o Brasil, em uma época em que turistas e forasteiros fogem da inclemência da estação fria européia. Havia que retornar, tangido pelas contingências apontadas.

Na Itália, soube logo que nenhum treinamento se processa, de maneira sistemática e metódica, depois de recebido o diploma de professor, pelo que é dada aos futuros mestres prática intensiva de ensino, durante o período de formação profissional. O aperfeiçoamento de conhecimentos teóricos e práticos se faz, às vezes, através de cursos, diria melhor, de jornadas pedagógicas, levadas a efeito, sem plano de conjunto preestabelecido, em diversas regiões do país, como aquele curso nacional de didática, segundo os princípios de Montessori, realizado, sob os auspícios da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Pádua, de 10 de junho a 3 de outubro de 1953. Os mestres que passam nesse curso, de maneira satisfatória, por ocasião do exame final, receberiam um diploma de especialização Montessori. Outro exemplo é o do Centro Nacional de Escolas Maternais, com sede em Bréscia, que organizou, no ano letivo de 1951-1952, três cursos nacionais de aperfeiçoamento para mestres e dirigentes

de escolas, e o de semanas de estudos em diversas localidades da Itália do Norte, do Centro e do Sul.

Nesse país não existe o mesmo interesse que se nota na Bélgica e na Suíça pela formação profissional e aperfeiçoamento ulterior do professor primário. Vigora ali a tradição do preparo clássico-humanístico, que só recentemente começa a modificar-se, com a introdução de práticas novas, segundo os preceitos da pedagogia moderna, no currículo das escolas normais (scuola magistrale e istituto magistrale). Ênfase especial se dá ali ao ensino das escolas e institutos técnicos de tipo agrícola, comercial, industrial, de navegação etc., bem como às escolas de arte, nos institutos de arte, às academias de belas artes, liceus artísticos, conservatórios e liceus de música e às universidades.

Atente-se para o fato de que só em 1945 foi introduzido, nas escolas normais, o ensino de psicologia e restaurados, na mesma época, nas classes de aplicação, os exercícios didáticos, abolidos em 1935.

Não tem a Itália experiência de preparo e aperfeiçoamento de professor normal e primário que possa servir ao Brasil. O Conselho Superior de Instrução Pública anda, ainda agora, muito preocupado com a organização de concursos, para escolha de mestres, em cujo programa se inclui, como novidade, parece, as matérias seguintes: metodologia, pedagogia, legislação e organização escolares. Disse que isso se parece novidade, porque, logo a seguir, nas normas do concurso se insiste, de forma muito particular, sobre a orientação especial do ensino (escola ativa) e sobre as experiências mais decisivas que se têm realizado, em diversos países (Winnetka, Decroly etc).

Os planos de estudos, para todos os graus e categorias de escolas, previstos pelo projeto de reforma e apresentados, no dia 1º de janeiro de 1952, pelo Conselho Pedagógico, ao Ministro da Educação, têm lances desde muito vencidos entre nós. Lê-se, em publicação recente, como nota de franco progresso pedagógico, na Itália, que os Centros Pedagógicos Nacionais continuam suas atividades normais (sic); em particular, o Centro Pedagógico Nacional e Museu Escolar de Florença organizaram diversos congressos nacionais de estudos, destinados, um, ao ensino artístico e outro, ao ensino técnico. E, ainda, que classes ex

perimentais tem sido criadas, no país, e postas em circulação em numerosas publicações de caráter pedagógico.

Na França, Bélgica e Suíça, o panorama é outro, no que concerne ao aperfeiçoamento dos professores: não só existem todas as facilidades ao alcance dos interessados, para frequentarem bibliotecas, museus e aulas-modelo, como uma abundante literatura pedagógica, constante de livros, jornais e revistas lhes é oferecida, com a mais variada matéria. A isso acrescenta-se o subsídio valioso trazido pelo cinema, pelo rádio e pela televisão, com programas organizados, segundo as exigências de grupos sempre ávidos de cultura técnica e especializada.

Na França, como na Bélgica, indagando da maneira por que os governos cuidam do aperfeiçoamento profissional de seus professores, fui informado de que o assunto não constitui propriamente, tarefa da administração pública, porque são os professores, sobretudo, que se movimentam e procuram os meios mais adequados ao seu aprimoramento cultural. A tradição dessa atividade permanente, por parte dos mestres, leva os governos, quase que prendidos pela classe, a proporcionarem a esta os elementos, de que precisa, para satisfação de uma exigência, que se tornou orgânica, em uma civilização refinada, através dos séculos, no campo espiritual e moral.

Na França, por exemplo, são comuns os cursos que se organizam, por iniciativa dos próprios mestres, para serem dadas aulas-modelo, para se preferirem conferências, para se debaterem em seminários, assuntos de psicologia, pedagogia e práticas escolares.

De maneira geral, as questões relativas ao ensino são examinadas cada ano nas conferências pedagógicas do outono. Indica-se, com antecipação, o assunto sobre que os professores devem fazer pesquisas e relatórios.

Os professores recebem diferentes revistas pedagógicas destinadas a seu desenvolvimento e, também, jornais pedagógicos particulares, boletins de educação, (departamental e nacional) e um boletim especialmente editado para as escolas maternais.

Os inspetores primários, os inspetores de academia e os inspetores gerais visitam, regularmente, todas as classes para julgarem dos métodos empregados pelos mestres e para os aconselharem.

Tudo isso ouvi, em entrevistas que fiz, de elementos do Ministério da Educação Nacional, de professores participantes do Estágio de Estudos, em Messina, e é o que agora leio em publicação recente organizada pela UNESCO, em colaboração com o Bureau International d'Education.

Organizam-se jornadas pedagógicas, congressos de associações de professores de cursos complementares ou de diretores de escola normal, exposições de trabalhos de alunos etc.

Em Paris, o Museu Pedagógico, notável organização do Centre National de Documentação Pedagógica, digna de imitação no Brasil, e nas províncias, bibliotecas departamentais, fazem aos professores empréstimos de livros, de revistas, projeções etc. .

Enfim, viagens ao estrangeiro podem ser organizadas para alunos-mestres, e bolsas, concedidas, a professores que ensinam línguas de outros países, em cursos complementares.

Cumpro-me adiantar que o papel dos inspetores de ensino, na França, como na Bélgica, é de maior relevância; constituem eles a elite entre os técnicos de educação, aos quais está afeto o aperfeiçoamento constante do professorado. São funcionários que ocupam, nos setores educacionais, posição de destaque, adquirida depois de concursos muito sérios, a que dá a administração escolar máxima atenção, tendo em grande conta não só os conhecimentos profundos dos candidatos, em psicologia e pedagogia, mas as qualidades intelectuais e morais dos mesmos.

Na Bélgica, o assunto é tomado, com austeridade, ultrapassando, mesmo, os limites da seriedade convencional. Todo professor, ali, sabe que é dever seu aperfeiçoar-se, ininterruptamente, constituindo isso nota positiva de sua carreira profissional. Não há necessidade de dizer-se aos professores belgas que se associem em círculos de estudos, que debatam, em reuniões periódicas, os problemas de sua escola, que procurem assistir às aulas de colegas mais experimentados, que visitem, sempre que puderem, os centros onde se realizem tentativas pedagógicas novas e mais avançadas, que tomem assinaturas de jornais e revistas especializadas, que leiam, e comentem, e sugiram, toda vez que convier e for oportuno.

Antes de partir para a Bélgica, estive, em demoradas visitas, nos departamentos e seções da UNESCO, onde pedi infor-

mações e orientação para levar a cabo a tarefa de que estava encarregado. Foi ali planejada a minha visita ao Centro Nacional de Documentação Pedagógica, ao Museu Pedagógico, inclusive, e à Escola Normal Superior de Saint-Cloud, onde passei um dia inteiro.

Certo, andando às carreiras, pelos motivos já expostos, não podia deter-me em cada setor, para exame demorado e minucioso de suas atividades e de seus fins. Aliás, acentuava aos meus guias que, dada a exiguidade do tempo de que dispunha, era de meu interesse saber, principalmente, como treinar e aperfeiçoar o professor em exercício. Procurava indagar como se fazia no país visitado, para, oportunamente, aplicar~~as~~, adaptando, ao Brasil.

Não obstante a pressa com que fazia as minhas entrevistas, pude informar-me de muitos pormenores, que serão úteis à minha função de técnico de educação.

Que, soube, afinal, na Bélgica, a respeito de treinamento e aperfeiçoamento do professor já em exercício?

Periódicamente, os professores de determinada região se reúnem, sob a direção do inspetor cantonal, (uma vez por trimestre, no mínimo). Há quatro conferências anuais: uma conferência administrativa (a primeira) que tem por objetivo o estudo das leis, regulamentos, instruções ministeriais e todos os outros documentos oficiais concernentes ao ensino primário, ao pessoal docente, às obras de ordem social e moral ligadas à escola primária, e três conferências pedagógicas (uma por trimestre) em cujos programas figuram tôdas as matérias de caráter pedagógico, psicológico ou didático, cujo estudo possa concorrer para o progresso do ensino primário. Exercícios didáticos, seguidos de discussão sobre métodos aplicados, têm, geralmente, lugar, nessas reuniões.

Além disso, bibliotecas especializadas têm sido organizadas e instaladas, em todo o país, para uso dos professores.

Atendendo ainda ao aperfeiçoamento do professorado, organizam-se, anualmente, cursos, que se realizam, com planejamento prévio, e com exames, no fim. Exemplos de alguns desses cursos: o ensino da ginástica na 4ª série do curso primário; o ensino das crianças anormais; o ensino de economia doméstica e de trabalhos manuais, de trabalhos de agulha e de pequenos tra-

balhos caseiros, nas escolas primárias; curso e exame, para obtenção de certificado de aptidão a guia em excursões a monumentos de arte e história de uma região etc.

Todos os anos organiza o Departamento de Instrução Pública uma semana de informação e aperfeiçoamento pedagógico, que encoraja, além do mais, a atividade de círculos pedagógicos.

Os técnicos de educação, na Bélgica, que servem no Ministério da Instrução Pública, não só deram essas informações, como procuraram esclarecer-se a respeito do sistema de aperfeiçoamento, no Brasil. Constituiu para eles novidade saberem que se pratica o recrutamento nos Estados, para cursos e estágios, na capital da República. Cientificados da nossa grandeza geográfica, da diversidade do clima, dos hábitos, costumes e interesses econômicos das diferentes regiões do país, aconselharam as jornadas pedagógicas regionais, as revistas e instruções adequadas a cada grupo, dando-se ênfase especial ao preparo de inspetores gerais e inspetores especiais, para visitas constantes às escolas e para as jornadas pedagógicas. Entendem eles que o inspetor de alta classe com preparo profundo nas ciências da educação, revestido de boa formação moral, capaz de orientar, aconselhar e exemplificar, com aulas modelo, eles próprios, seria o ideal.

Aproveitando a visita a Bruxelas, estive na "Escola Decroly", de fama mundial, dirigida por Melle. Hamalde, discípula do inolvidável educador belga Ovidio Decroly, onde se cultua, com fervor, a sua memória, sendo ponto alto desse culto a aplicação de seus ensinamentos, por todos os que ali trabalham. O grupo que serve na Escola Decroly é de tal sorte homogêneo, de tal maneira afinado para a consecução dos fins a que se destina a Escola, que, nesse sentido, não há diferença entre a diretora e o jardineiro, entre a servente que cuida dos pássaros e dos pequenos animais (muitos destes existem ali) e a professora, confundindo-se todos, diretora, professoras, jardineiro, flores, pássaros, crianças e música, para aquela maravilha de centro educacional infantil, em que a criança é pivô de tudo, e o amor a ela e o conhecimento dela, a maior motivação.

Lá estava Melle. Hamalde, uma vida inteira reclinada sobre a infância e enriquecida por ela. Crianças de agora, muitas delas, representam para a querida educadora uma terceira ge

ração. Melle, Hamalde está, no momento, cuidando, com aquêlê desvêlo e carinho incomparáveis, de netos de suas primeiras alunas; ela é, assim vovó, espiritualmente, duas vêzes, e ainda não lhe falta aquela chama criadora e vivificante dos primeiros dias de seu labor incessante ao lado do grande mestre. Percorreu comigo tôdas as dependências da velha casa que abriga a sua Escola, subindo e descendo escadas, incansavelmente, interferindo na atividade das classes, para exemplificar e ilustrar um conceito de Decroly, como se ainda tivesse dúvidas sobre a aceitação da doutrina pedagógica do inesquecível mestre.

Valeria um relatório essa visita inolvidável, para fixar-se bem, como testemunho de que ainda não se quebrou o molde dos santos, o de que é capaz o amor, na reconstrução de um mundo, cuja civilização tem o sainete do ódio e das guerras.

Uma página dêsse relatório eu dedicaria à obra de confraternização internacional que se começa naquele recanto, educando-se, juntos, só ouvindo palavras amigas, belgas, holandeses, americanos, poloneses e outros, tão diferentes pelo lugar de origem, mas tão semelhantes pela inclinação natural de se quererem e se estimarem, constituindo mesmo a diversidade de procedências nota curiosa de simpatia e aproximação, pela novidade de aspectos, de gestos e de atitudes.

Crianças, educadas assim, não perderão certamente, o prazer de sua atual fraternidade.

Tudo fazem juntos: desenho, modelagem, decoração, imprensa, leitura, canto etc. etc. E a pequena orquestra? Que delícia! E a comunicabilidade espontânea de todo aquele mundo de pequenos? Que milagre de disciplina e de ordem, naquela confusão aparente!

Mell. Hamalde, com "aquele inalterável jeito de proteção e de amor, que há 40 anos simboliza a sua vida", acariciava a cada uma das crianças com quem conversava, de passagem, chamando-as pelo nome.

Uma imorredoura recordação deixou na minha alma aquela visita a que eu havia aspirado, por mais de um quarto de século!...

Da Bélgica passei à Suíça, com apresentação especial do presidente do IBECC, professor Lourenço Filho, ao diretor adjunto do "Bureau International d'Education", F. Rossello.

Infelizmente, estava de férias o Bureau, na parte referente a cursos. Mas não só conversei, demoradamente, com o referido diretor, como tive, indicados por êle, técnicos para me acompanharem nas visitas às várias dependências do BIE, notadamente à biblioteca e às exposições pedagógicas de diversos países.

Causou-me tristeza ver como o Brasil prima pela ausência em tôdas as manifestações de caráter educativo permanente do Bureau. Na sua biblioteca, pouquíssimos livros dos nossos pedagogos, educadores e professores. Quanto às exposições, nada, apesar de ali estar reservado um local amplo, por onde se poderia dizer ao mundo, através de ondas de professores, educadores e intelectuais, em geral, que transitam pelas salas do Bureau, anualmente, o que é que temos feito, nos domínios da educação.

Já, anteriormente, na visita que fizera ao "Centro Nacional de Documentação Pedagógica", em Paris, notara a nossa ausência, ao passar pelas seções do mesmo. No momento, festejava-se, com uma bem organizada exposição, o centenário de aparecimento do livro de Beecher Stowe - "Uncle Tom's Cabin" - com amostras muito significativas de muitos países do Ocidente, no campo da libertação dos escravos; nós, que temos, nesse particular, uma das páginas mais brilhantes de nossa história, não tínhamos, ali, um só livro, uma só ilustração dessa arrancada épica, que foi o movimento abolicionista brasileiro - nem ao me nos Castro Alves, nem o "Tigre da Abolição", nem João Alfredo, ou a Princesa Isabel.

Na pequena Suíça, a variedade de aspectos da educação corre parrelhas com a variedade de legislação, línguas e hábitos de seu grande povo. Para renovar a cultura de seu professorado, para trazer êste em dia com o progresso das ciências da educação, tem a Suíça êsse laboratório permanente de pedagogia que é o Instituto Jean Jacques Rousseau, com seus cursos, suas conferências, seus seminários e suas experiências sempre renovadas. O professor suíço não ~~tem~~^{tem}, para fazer-nos inveja, no tocante à renovação de conhecimentos pedagógicos, senão que dar um pulo ali a Genebra, para acompanhar, anualmente, durante algum tempo, algumas daquelas atividades de fama internacional.

É ali a fonte em que se dessententam, vindos de toda parte do mundo, os que têm sede de saber pedagógico.

Ainda assim, outros recursos têm eles, que podem se citar idéias, a nós outros, que buscamos e que aprender no campo do aperfeiçoamento pedagógico de seus professores.

Na Suíça, como na França, o Museu Pedagógico organiza séries de conferências destinadas ao aperfeiçoamento do pessoal de ensino.

As professoras que se iniciam na carreira são orientadas por uma mestra experimentada e se reúnem em grupos de trabalho com supervisão da diretora da escola.

Variam os planos de aperfeiçoamento de cantão, para cantão, dado que é diversa a legislação do ensino no país, consoante as exigências de cada região. Em Neuchâtel, por exemplo, os professores em exercício recebem diretivas pedagógicas no correr de conferências oficiais que se realizam duas vezes por ano e são presididas pelo chefe do Departamento de Instrução Pública. Além disso, inspetores e diretores de escola primária visitam os mestres nas escolas.

Cada vez que, em um ou outro ramo do programa, a evolução das técnicas ou dos métodos o exige, o Departamento da Instrução Pública organiza cursos obrigatórios de didática.

Associações profissionais e diversas sociedades contribuem, por meio de conferências, de grupos de estudos e de cursos para o aperfeiçoamento do corpo docente.

O Departamento da Instrução Pública e a maior parte das autoridades comunais outorgam subvenções aos professores e professoras, para que possam acompanhar cursos profissionais.

Como se vê, há, na Europa, formas diversas de aperfeiçoar o professor em exercício, sem necessidade de deslocá-lo do lugar, onde trabalha. De modo geral, a preocupação de aperfeiçoamento é difundida e largamente praticada; nem os poderes públicos abandonam os mestres, desde que estes entrem em exercício, nem estes se sentem desobrigados de, por si, procurar a elevação de seu nível cultural e profissional.

No ano passado (1953), a Conferência Internacional da Instrução Pública reunida em Genebra, por iniciativa da Organização das Nações Unidas e do Bureau Internacional de Educação recomendava:

- Convém que se adotem providências, para que os

mestres de ensino primário em exercício possam aperfeiçoar-se, por todo o tempo de sua carreira, a fim de se porem a par das teorias novas e das novas técnicas, atinentes à sua profissão;

- Além do acréscimo de eficiência e do encorajamento moral, que o professorado primário pode auferir dos cursos de aperfeiçoamento, estes devem permitir, onde os níveis de remuneração estiverem condicionados a títulos e qualificações, o aumento de possibilidades de melhoria a todo aquele que os seguir com proveito;

- Quaisquer que sejam os meios empregados para o aperfeiçoamento do pessoal docente de ensino primário (conferências, lições-modelo, grupos de discussão, estágio de estudos, cursos de férias, cursos por correspondência, emissões radiofônicas etc) um papel importante deve estar reservado, na organização dessas atividades, à inspeção escolar, à direção e ao corpo docente dos estabelecimentos de formação pedagógica, e aos agrupamentos e associações de professores primários;

- Quando as autoridades escolares não tomarem a seu cargo a organização do aperfeiçoamento dos professores de ensino primário, subvenções devem ser concedidas às associações destes ou a outras associações e agrupamentos capazes de levar a bom termo essa tarefa;

- As maiores facilidades (licenças, abonos etc.) devem ser concedidas aos professores de ensino primário, para que se possam beneficiar com iniciativas tomadas em vista de seu aperfeiçoamento profissional; essas facilidades se tornam ainda mais necessárias, quando se tratam do aperfeiçoamento dos mestres que exercem a profissão em zonas rurais, sem possuírem todos os títulos comumente exigidos;

- Além das iniciativas tomadas pelas autoridades escolares, ou por outras instituições e agrupamentos, em vista do aperfeiçoamento dos professores de ensino primário, devem estes ser encorajados a constituírem grupos de trabalho ou círculos de estudos, para examinarem em comum os problemas educativos, tanto teóricos, como práticos, que lhes concernem mais especialmente;

- As viagens de estudo, individuais ou coletivas, tanto no país, como no estrangeiro, devem ser consideradas como um

dos meios mais eficazes para elevar o nível profissional dos mestres, alargar sua visão, a respeito dos problemas escolares, e os incitar a melhorarem seus métodos de trabalho; para isso muitas bolsas devem ser outorgadas a professores, que, depois, transmitirão a seus colegas a experiência adquirida no curso dessas viagens de estudo;

- Quando as circunstâncias se prestarem ao tentame (o fator linguístico desempenha no caso papel indiscutível), a permuta de mestres de um país por outro deve ser encarada como um dos meios que contribuem, com maior eficiência, para o aperfeiçoamento do magistério; há oportunidade, então, para aplicar-se a Recomendação nº 29, concernente às permutas internacionais de educadores, adotada em 1950 pela XIIIª Conferência Internacional da Instrução Pública;

- Para que seja permitido aos mestres em exercício acompanharem a evolução das ciências da educação e renovarem suas técnicas de ensino, convém se encoraje a publicação de obras e de periódicos que correspondam às suas necessidades; medidas correlatas devem ser tomadas, para se facilitar a aquisição dessas obras e periódicos ou a consulta, por meio de bibliotecas de escola e de circulação; os estabelecimentos de formação pedagógica, os centros de documentação e os organismos de pesquisas psicológicas e pedagógicas parecem particularmente qualificados para exercerem ação cada vez mais eficaz nesse domínio.

Senhor Diretor:

Aí está o que pude observar e indagar, em proveito de nosso ensino, durante oito semanas, lutando com as distâncias e os percalços inevitáveis de uma adaptação, sempre difícil, para quem, dispende de tão pouco tempo, pela primeira vez, pisa solo estrangeiro. Procurei ser fiel à observação e à indagação, valendo-me, algumas vezes, de publicações, em relação à 2ª parte deste relatório, para confirmar as minhas informações. Não me foi possível fazer mais.

OBS.: juntar os documentos enviados
à Brasília no Arquivo 802, gavete
2, Pasta (35).

Arquivo 802
gavete 3
Pasta (4)

G. M. E. P.

Relatório referente ao estágio de
estudos sobre auxiliares rurais na
educação de base, promovido pela
Unesco e levado a efeito em
Messina, Itália, de 27/8 a 27/9

1953

Participante: Técnico de Educação
Joaquim Moreira de Sousa.



Relatório referente ao estágio de estudos promovido pela Unesco e levado a efeito em Messina (Itália) sobre auxiliares visuais na educação de base, de 27 de agosto a 27 de setembro.

1º

Relatório do prof. Moreira relatando antecedentes de sua viagem, releção de temas desenvolvidos da conferência, excursões e princípios que nortearam os trabalhos do estágio.

2º

Junto ao relatório vem uma tradução da conferência do Prof. Alfred Métraux sobre a Antropologia Cultural e os auxiliares visuais. Seu interesse é reduzido, apresenta utilidade ^{ao desfazer} certas noções enganosas a propósito da suposta receptividade absoluta do cinema em qualquer am-



briente de culturas diversas.

30

A terceira parte é ainda uma tradução da conferência proferida na estógi pelo professor Robert Leprave² que se intitula "Os auxiliares vituais a serviço da educação de base". Embora muito diluída e extensa apresenta observações oportunas que provêm de sua experiência pessoal de professor. A tradução apresenta alguns trechos que merecem uma revisão.

4º

Finalmente o prof. Moreira expõe com entusiasmo a que lhe foi dado ver na visita rápida que pôde fazer à Itália, Suíça, Bélgica e França.

R

RELATÓRIO REFERENTE AO ESTÁGIO
DE ESTUDOS PROMOVIDO PELA UNESCO E LEVADO A EFEITO
EM MESSINA (SICILIA-ITÁLIA), SÔBRE AUXILIARES VISU
AIS NA EDUCAÇÃO DE BASE, DE 27 DE AGÔSTO A 27 DE
SETEMBRO DE 1 953

Joaquim Moreira de Sousa
(Técnico de Educação)

Senhor Diretor:

Vale a pena fixar-se em relatório, para que outros de nós aproveitem a experiência, o que foi o Estágio de Estudos promovido pela UNESCO, em Messina, de 27 de agosto a 27 de setembro de 1953, no qual tomei parte, como delegado do Brasil.

Observei quanto a ONU se empenha, por seu órgão especializado, no que concerne à educação, à ciência e à cultura, pela preservação da paz entre os povos, em trabalho constante, esclarecido e consciente, com vistas à elevação do nível de vida das populações menos desenvolvidas.

Em carta de 21 de janeiro de 1953, o diretor geral da UNESCO, dirigindo-se ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, lembrava os termos da Resolução 512 do programa para 1953/54, adotado pela Conferência Geral, por ocasião de sua sétima sessão, em virtude da qual estava autorizado a organizar um Estágio de Estudos sobre a utilização dos Auxiliares Visuais na Educação de Base. Esse Estágio de Estudos devia proceder a experiências práticas, seguidas de trocas de vista, e organizar, para o futuro, cooperação entre os especialistas da questão. A UNESCO se propunha convidar, na qualidade de chefes de grupo, um certo número de peritos que tivessem adquirido, em matéria de produção e utilização dos Auxiliares Visuais, na Educação de Base, longa e vasta experiência, com que se pudessem beneficiar os estagiários.

O programa, segundo os termos da correspondência a que aludo, compreendia:

- a) - a apresentação de material escolhido, de interesse técnico e educativo certo;
- b) - o estudo de projetos que visassem a permuta de informações, de pessoal e de material;

- c) - o exame da produção de auxiliares visuais, no ensino da leitura e da escrita.

Esforçar-se-ia, igualmente, o Estágio por fixar as grandes linhas de cursos práticos destinados a formar especialistas nos domínios acima considerados.

Para essa reunião, acrescentava o diretor geral da UNESCO, estava reservado lugar a um delegado do Brasil, ao qual, em tempo oportuno, seriam remetidos a documentação e o material necessários ao estudo dos temas do Estágio e às conclusões dos debates e discussões em perspectiva.

O assunto da correspondência em aprêço foi encaminhado ao Ministro da Educação e Cultura, por intermédio do presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), e, examinado pelo diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), originou o processo PR/49 895/53, no qual autorizou o Presidente da República a ausência, do país, do signatário dêste, a fim de estagiar na Sicília.

O programa elaborado pela UNESCO deixava grande margem à iniciativa dos participantes, os quais podiam variar de diretrizes, no curso dos trabalhos. Partindo da idéia de que a função essencial do Estágio era dar a ver filmes, filmes fixos etc, submetendo-os a discussão, uma grande parte do tempo seria consagrado a projeções.

Conferências de introdução seriam pronunciadas, sôbre os temas seguintes, por peritos de reputação internacional:

- 1º - que é Educação de Base?
- 2º - o papel dos Auxiliares Visuais, na Educação de Base;
- 3º - a produção de Auxiliares Visuais, na Educação de Base;
- 4º - fundamento psicológico e social da Educação de Base;
- 5º - o estudo dos públicos;
- 6º - a utilização dos Auxiliares Visuais na luta contra o analfabetismo e no ensino das línguas;
- 7º - as fontes de informação sôbre os Auxiliares Visuais;

8ª - a formação dos técnicos da produção e do emprêgo dos Auxiliares Visuais.

Essas conferências seriam discutidas em reunião plenárias e estudadas, mais profundamente, por comissões de trabalho.

Por sua vez, os filmes, filmes fixos e outros Auxiliares Visuais seriam agrupados por temas e cada um desses temas estudado por comissões de trabalho. Os grupos de temas seguintes foram previstos:

- a) - utilização dos recursos naturais (agricultura, criação, pesca, silvicultura, irrigação etc;
- b) - formação profissional e artesanato;
- c) - higiene e saúde, família e trabalhos domésticos; puericultura e educação familiar;
- d) - vida comunitária e cooperação;
- e) - a luta contra o analfabetismo e o ensino das línguas.

No curso da última semana do Estágio (quatro semanas foram previstas) algumas sessões, tanto em comissão, quanto em reunião plenária, seriam consagradas à elaboração dos relatórios.

Excursões permitiriam aos estagiários conhecerem os trabalhos executados, na Sicília, por uma missão técnica da UNESCO, prestes a realizar uma experiência local de produção e emprêgo dos Auxiliares Visuais. Uma exposição internacional de aparelhos, instalada nos locais do Estágio, proporcionaria aos participantes visão de conjunto dos modelos de equipamentos novos mais susceptíveis de utilização imediata, nos trabalhos específicos da educação em causa.

Esse o programa preestabelecido, que foi sofrendo alterações, segundo as circunstâncias do momento, sempre no sentido do maior aproveitamento dos estagiários.

Instalado o Estágio, oficialmente, no dia 31 de agosto, depois de feitas, nos dias anteriores, as apresentações de praxe de todos os participantes, inclusive dos técnicos escolhidos pela UNESCO, e entregue aos interessados o material escolhido para estudo e orientação, começaram as reuniões preliminares. em local adrede preparado, onde, durante uma semana, foram ouvi

dos conferencistas, que procuravam focalizar os assuntos mais palpitantes a serem discutidos, no correr do Estágio.

Os organizadores dêste merecem irrestritos aplausos, pela maneira segura e inteligente por que se desincumbiram da tarefa, nos menores detalhes, desde as instalações elétricas, perfeitas e adequadas aos diferentes aspectos do Estágio, até a distribuição das atividades, entre os componentes de grupos de trabalho; em tudo deram mostras da consciência do dever, cumprindo-o sem exageros, mas dentro de normas e critérios seguros, com constância, paciência e firmeza dignas da admiração e do louvor de todos. Insta acrescentar que o regime de trabalho estabelecido pelo pessoal da UNESCO, sobre ser racional, para atender às exigências e finalidades do Estágio, suscitava da parte de todos a mais estreita cooperação, com que se estabelecia unida de de ação, apesar da diversidade de operações.

Na primeira semana de trabalho, conforme já acentuei, fixaram-se em debates, interpelações e esclarecimentos, após as conferências programadas, uma série de princípios e normas, que foram, sem dúvida, o eixo das atividades posteriores.

Consignamos, neste relatório, alguns desses princípios, que foram como que bases e diretrizes dos trabalhos que, posteriormente, realizamos em grupos. Vejamos:

— É inútil ensinar alguma coisa a alguém, que nenhum interesse tem pelo que lhe querem ensinar. Adultos procuram saber com que intenções é feito o ensino que lhes ministram. Há que se descobrirem, assim, os motivos pelos quais os indivíduos aceitam ou recusam o ensino, isto é, fazer-se análise prévia das suas "complacências" e das suas "resistências". Referindo-se às populações africanas subdesenvolvidas, dizia um perito: - uma jovem pode ir à escola da missão para escapar à lubricidade de um velho polígamo; um mancebo pode frequentar a mesma escola, para ali encontrar, mais facilmente, uma esposa de sua idade. —

Naturalmente, não há de ser isso o que querem especialmente, os que se aventuram ao desconforto das aldeias africanas, tentando melhorar o nível de cultura de suas populações.

Há, como se vê, um princípio a firmar-se, de imediato: atenção oportuna e inteligente ao sistema comportamental da população à qual se dirigem os que têm a si a tarefa da educação de base; às necessidades biológicas e socio-cultural dos indivi

duos; usando a expressão corrente, no Estágio, à problemática própria dos membros do grupo considerado.

Aplicando o princípio ao caso brasileiro, havemos de ver que a problemática dos nordestinos, ameaçados de fome periódica, em uma região onde os ganhos e as permutas são difíceis, não é a mesma dos gaúchos e paranaenses, criadores de gado e plantadores de café, com a cultura da herba mate, os últimos, em uma região onde a vida é muito mais fácil que a dos primeiros.

— As solicitações emanadas de certo meio, já estabelecido, com cultura própria, e os estímulos propostos por esse meio podem não estar em concordância com as solicitações e os estímulos de um meio novo que se vem estabelecer, com caráter civilizador. As solicitações dos "civilizados" serão benéficas ou maléficas e os estímulos por eles propostos serão desejáveis ou indesejáveis.

A propósito, exemplificava-se: o cuidado pelo aumento indefinido da renda, em proporção com o aumento indefinido do trabalho remunerado, é estranho à mentalidade do africano que vive em regime de coletivismo clássico. Um africano desse tipo pode não ter nenhum interesse em aumentar a sua renda além da satisfação de suas necessidades individuais, sabendo que o supérfluo vai aos outros membros do clan, por intermédio do "lemba", tesoureiro e ecônomo do clan. É muitas vezes preferível apelar para o desejo de prestígio social que para o desejo de aumento de salário, se esse aumento de salário acarreta acréscimo de trabalho. O desdém do negro pelo trabalho, tal qual o concebemos, muitas vezes imputado a uma preguiça natural, pode ser encarado como um aspecto de sabedoria, sem olvidar-se que o trabalho pode ser considerado como próprio de escravos, em meios ainda fortemente feudais.

— Muita coisa há que considerar na utilização dos Auxiliares Visuais. Por exemplo, a satisfação que o indivíduo pode ou não tirar das transformações que lhe são aconselhadas ou impostas. O instrutor "civilizado" pode estar muito bem intencionado, porém mal informado. Verificou-se que o negro, na África, desconfia que a casa de cimento seja mais fria e confortável, que a sua cabana, uma vez que nesta não se podem instalar as "comodidades" do branco.

— Por outro lado, de que adianta apresentar, como ideal, certa situação de trabalho, se os indivíduos que as recebem, não estão em condições físicas para suportá-la? A preguiça pode ter raízes biológicas ligadas a insuficiências alimentares; a astenia em certas pessoas pode ser efeito de carência de vitaminas. Que dizer de certos tipos de operações, para as quais os indivíduos não têm a maturidade precisa e de outras para as quais se exige aprendizagem adequada? Que vale, por exemplo, mostrar as vantagens da lavoura mecanizada, se, em correspondência, não são dados os meios para se adquirir a maquinaria? Que aproveitam as demonstrações do uso de adubos vegetais e minerais, se faltam aos que ouvem ou vêem as lições, os recursos para consegui-los?

Todos êsses eram assuntos debatidos em plenário, após as conferências dos técnicos, que se esforçavam por mostrar que energias físicas e recursos financeiros não devem ser desperdiçados em campanhas de educação de base, através dos Auxiliares Visuais, sem serem considerados êsses pontos e muitos outros mais.

Na produção de Auxiliares Visuais, como no preparo dos técnicos para sua utilização conveniente, não se podem negligenciar questões dessa espécie.

— Um princípio exposto, durante o Estágio, na fase de ambientação dos participantes, despertou vivo interesse: - o da solidariedade dos problemas. Dizia-se: - tãda pedagogia defronta problemas de conjunto; o ensino relativo a certo problema particular pode acarretar problemas não resolvidos ainda e perder por isso sua eficácia. Por exemplo: - o ensino relativo a problemas de doença pode afrontar um sistema de crenças, em que se fundem as garantias morais do grupo. Contraindo pneumonia, por se ter tomado chuva em excesso, com temperatura baixa e sem agasalho; adquire-se verminose, por se ter bebido água suja. Mas argumentam aquêles, a quem se quer ensinar as causas dessas doenças, que nem todo mundo morre delas, ainda quando essas causas ocorram. Por que é que uns morrem de pneumonia, ou de verminose, e outros, não? A doença é quase sempre o castigo de uma ação má: - furto, adultério, negligência no cumprimento de um dever, desobediência a um ancestral exigente etc. O ladrão contrai uma doença, dizem indivíduos de certos meios africanos, por causa de seu furto, desde que haja um fetiche no lu-

lugar, onde o furto se deu. (Explica o técnico: parece-me que o fetiche não é, essencialmente, um produto do animismo, mas uma peça mágica de defesa ou de ataque, que se compra, que se manda consagrar, que tem necessidade de ser, periodicamente, revigorada e que age, como segurança, contra o furto, o adultério, a intenção perversa dos feiticeiros etc. Os fetiches são os instrumentos principais da moral usual daquela gente, a moral da prudência, em que as doenças figuram como sanções. Se não há fetiche no lugar, o ladrão não teme nada. Sabe-se, pelo menos insinua-se, que o doente se cura, restituindo o objeto furtado, ou entregando-se ao dono do mesmo a indenização equivalente. O que morreu era culpado e não havia feito a restituição. Afinal de contas, a rede das interdições e das transgressões é suficientemente vasta, para que o doente fique de todo tranquilo. Se "os civilizados" vêm contar histórias sobre micróbios, é que esses micróbios são agentes de punição... Enfim, conclue-se: a higiene pode ser uma boa cousa, mas evitar o que é proibido ainda é melhor.

Em face de tal atitude, pergunta o técnico: vale ou não vale a pena estudar-se bem o meio aonde vamos levar a educação de base? O preparo e a utilização dos Auxiliares Visuais devem ou não enquadrar-se nesse pressuposto?

— Acentuava-se, ainda, nos primeiros debates do Estágio, que as noções e técnicas ensinadas sejam facilmente utilizáveis no meio. Dar uma lição de "higiene de classe", quando não se tem água ao alcance da mão, ou de higiene da boca, quando escovas para dentes e dentifrícios não se encontram ou são muito caros, além de vão, é ridículo.

— Por outro lado, as noções e técnicas ensinadas devem ser de aplicação possível, em escala bastante larga, ao conjunto da população. A experiência das "fazendas - piloto", dizia-se, munidas de equipamento ultra-moderno, em pontos raros de determinado território, arrisca-se a cair em descrédito, suscitando o descontentamento de certos grupos que se queixam de nada ser feito em seu benefício. Assim sendo, é preferível proceder-se a aperfeiçoamentos sucessivos, por etapas, partindo dos sistemas operacionais costumeiros.

— Um princípio, a que se não pode fugir, é o do benefício imediato e dos ensaios bem sucedidos. Um benefício, seja

ê ele qual fôr, deve ser rapidamente sentido. Compreende-se mal que preparo de estradas seja proveitoso em uma região onde o comércio é insignificante e, às vezes, nulo. Compreende-se, ainda menos, que seja proveitoso despende esforços, em proveito de quem auferê ganhos fabulosos, a pretexto de vir melhorar o nível de cultura de um povo

— Não se deve desprezar, por outro lado, o princípio de adaptação estreita dos temas de ensino a problemas locais. Esse princípio tem importância particular, quando se fazem experiências de utilização dos meios audio-visuais na educação de base. Os filmes-testes, isto é, os filmes que se utilizam, para se verificarem reações de grupos, não podem ser os mesmos em regiões diferentes. Diferenças insignificantes podem, em certos casos, ter máxima importância.

A propósito, dois exemplos foram citados: os dos belos filmes "Small Pox" e "Le Bon Samaritain". No primeiro caso, uma grande parte do valor do filme se perde em uma região onde a vacina é obrigatória; no segundo, em que se vê um pobre diabo estendido, miseravelmente, à beira da estrada, desdenhado por um transeunte opulento, mas fraternalmente tratado por um negro, arrisca-se a perder todo o trabalho e tempo. (Pretende-se a exibição do filme, como meio de despertar sentimentos de fraternidade entre os da raça negra).

Em certos grupos africanos, como os Basalampasu, os homens têm apenas, como vestimenta, uma tanga, e as mulheres, uma tenue e estreita faixa de fibras, que mal lhes cobre as partes pudendas; enquanto isso, o "pobre diabo" do filme usa casaco e sandálias. Quem acreditaria na pobreza do suposto mendigo?

— Se uso um filme educativo - é outro princípio a estabelecer-se - tenho necessidade de critérios objetivos para julgar da eficácia do ensino que transmiti, por meio desse Auxiliar Visual. No caso, entende-se por critério objetivo uma manifestação comportamental qualquer que ateste a eficácia do filme. Por exemplo: a elevação da taxa das vacinações voluntárias, depois da projeção de um filme, como "Small Pox", ou a modificação da cultura da mandioca, depois da exibição de um filme, por onde se mostrem as vantagens da cultura racional dêsse tubérculo em elevações de terra, mais ou menos acentuadas, ou o aumento das procura e da venda do "Fly-Tox", depois de visto um filme sobre destruição de moscas.

Em comentário, esclarecia-se: quem conhece, por pouco que seja, a psicologia de certos agrupamentos negros, na África, sabe, perfeitamente, que o testemunho oral que se fornece, em geral, ao branco não inspira confiança: há cuidado extremo em adivinhar-se o que é que dará prazer ao branco e em evitar qualquer dificuldade imprevista, mas geralmente possível.

Um acento muito nítido dava-se, como se vê, ao cuidado de que se deve armar todo aquele que se propõe a ensinar, por meio de filmes. Há que ser um psicólogo, em todo o rigor do termo, um educador, o que se destina a empregar esse magnífico Auxiliar Visual, na melhoria das condições de vida das massas incultas, sob pena de desprestigiar-se um dos meios mais eficazes da educação. Chegava-se mesmo a recomendações desta espécie: devemos atender a que é natural a estupefação de grupos atrasados em face de uma primeira projeção cinematográfica. O mesmo aconteceu conosco, talvez, e, seguramente, com nossos pais. A primeira reação do espectador atrasado a tal meio de ensino é menos interessante em si do que a maneira por que se adaptará à repetição do espetáculo e o modo por que aproveitará informações destinadas a realizar essa adaptação. Trata-se de problema não de capacidade natural e espontânea, mas de "aprendizagem". Convençamo-nos de que muito povos ditos subdesenvolvidos não têm nêles nada de constitucional que os impeça de aproveitar certas informações, como nós o fazemos. É questão de cultura, no exato sentido sociológico da expressão, de onde impor-se a necessidade de planos de experiências que comportem grupos de comparações, com ensino informado e não fôrmal.

Em última análise atente-se que nunca o Auxiliar Visual substituirá ao que se acha animado da viva flama do apostolado do bom professor; êle não passará mesmo nunca de simples "auxiliar".

Essas normas e princípios - digo, com mais precisão, essas declarações — emergiram, por entre interpelações e esclarecimentos, dos debates que provocou a conferência de A. Obredane, professor da Faculdade das Ciências da Universidade de Bru-

xelas, convidado especial da UNESCO, para falar sôbre a utilização dos meios audio-visuais na Educação de Base das populações subevoluídas da África.

Durante o correr da primeira semana, conforme já apon^{te}i, os estagiários estiveram presentes a outras conferências, tendo antes se munido de publicações fornecidas pela administração geral do estágio, a qual, em todos os momentos e sob os aspectos mais diversos, foi de solicitude e eficiência isentas de qualquer reparo.

As conferências e subsídios correlatos sôbre o assunto pôsto em agenda para os debates diários, eram distribuídos, antecipadamente, com os estagiários, pondo-se, assim, cada um em condições de tomar parte, com proveito, na discussão dos temas programados.

As demais conferências, ouvidas, em dias sucessivos, estavam subordinadas aos seguintes títulos:

- 1) - A Antropologia Cultural e os Auxiliares Visuais;
- por Alfred Métraux, antropólogo do Departamento das Ciências Sociais da UNESCO;
- 2) - Os Auxiliares Visuais, a serviço da Educação de Base, por Robert Lefranc, professor, diretor do Centro Audio-Visual da Escola Normal Superior de Saint-Cloud, na França;
- 3) - O filme e a Educação de Base, nos territórios coloniais britânicos, por M. William Sellers, produtor-diretor da "Colonial Film Unit", em Londres;
- 4) - Os Auxiliares Visuais na Educação de Base, por Williard W. Beatty, diretor-adjunto do Departamento de Educação da UNESCO;
- 5) - Os Auxiliares Visuais - a linguagem, como instrumento - por Christine Gibson, encarregada de cursos na Universidade de Harvard e assistente do professor I.A. Richards - da Graduate School of Education (U.S.A.);
- 6) - A formação de técnicos do filme, por Gareth Evans;

- 7) - O flanelógrafo - como prepará-lo e usá-lo - Demonstração - por Yousif Nassir.

Tornando-se por demais extenso êste relatório, se quiser incluir nêle o conteúdo das conferências acima enumeradas, faço a transcrição, apenas, das duas primeiras, dada a relevância da matéria de que tratam, de Alfred Métraux e Robert Lefranc, respectivamente, comprometendo-me, desde já, a traduzir as demais, para serem publicadas na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, se nisso estiver de acôrdo a sua direção.

Para que não se perca o sabor da oportunidade, indico ~~abaixo~~, abaixo, os títulos das publicações distribuídas com os estagiários, como material que serviria para estudo, durante os 30 dias do Estágio.

- 1) - Emprêgo dos Auxiliares Visuais no ensino técnico;
- 2) - A utilização da televisão na educação;
- 3) - O papel do filme na Educação de Base;
- 4) - Instalação de um serviço cinematográfico - Investimentos, orçamento e formação de pessoal da região, por especialistas engajados, temporariamente;
- 5) - O aspecto técnico da produção cinematográfica - Escolas de formação de cineastas;
- 6) - Educação de Base e Cinema;
- 7) - Os Auxiliares Visuais e a Educação de Base (UNESCO);
- 8) - A Educação de Base (descrição e programa - (UNESCO);
- 9) - A Saúde na Aldeia (uma experiência de educação visual na China);
- 10) - O Boletim Trimestral de Educação de Base (diversos números - 1949-1953);
- 11) - Estudos e Documentos de Educação - (Cadernos impressos e distribuídos pela UNESCO - Vários);
- 12) - Documentos Especiais de Educação - (Do Departamento da Educação - Centro de Informação da UNESCO - vários);

- 13) - Boletins do Centro Audio-Visual - (Da Escola Normal Superior de Saint-Cloud - vários);
- 14) - Listas de filmes e filmes fixos a serem examinados, durante o estágio.

Nota:

Os documentos, os filmes e filmes fixos, a serem examinados e vistos, estavam à disposição dos estagiários, em dependências da Universidade de Messina, onde se fizeram as reuniões do Estágio.

Para ler os documentos e assistir aos filmes, todos, qualquer estagiário levaria meses, em Messina, pois subiam uns e outros a algumas centenas.

É de Alfred Métraux a conferência que, a seguir, transcrevemos:

A ANTROPOLOGIA CULTURAL E OS AUXILIARES VISUAIS

NOÇÃO DE CULTURA

De um ponto de vista estritamente antropológico os Auxiliares Visuais podem definir-se como instrumentos utilizados para ajudar a transformação cultural das sociedades ditas "primitivas", arcaicas, ou simplesmente atrasadas, no plano econômico e técnico.

Os processos de mudança a que assistimos, em numerosas regiões do mundo, não se apresentam senão como manifestação, em ritmo acelerado, de fenômenos que não têm cessado de produzir-se, desde os começos da humanidade.

O que parece próprio de nossa época é sobretudo o caráter sistemático e deliberado dessas mudanças. Como muitos outros aspectos de nossa civilização, a aculturação, isto é, a mudança cultural em contacto com outra civilização, é planificada. Desde que as técnicas que discutiremos aqui são destinadas a apresentar modificações no comportamento, nas concepções da natureza, nos ideais tradicionais de diferentes sociedades, só serão elas eficazes, se tivermos em conta as culturas que os diferentes grupos humanos encarnam.

Por cultura, não entendemos a soma dos conhecimentos literários ou artísticos que um indivíduo possui, mas o conjunto do comportamento adquirido por uma sociedade, através das idades, comportamento que é comum a todos os membros dessa sociedade e que lhes permite cooperar e comunicar-se entre si. A cultura, no sentido em que a entendemos, é "nossa herança cultural", o conjunto de nossos conhecimentos, de nossas crenças, leis, nossos costumes, nossos hábitos etc. A cultura é o que distingue o homem do animal, é o instrumento que êle mesmo cria para adaptar-se a seu meio natural, transformando-o, em seu proveito. A "cultura" pode ser também considerada como um "meio" que o homem elaborou e que, tomando-o, desde o nascimento, molda-o, segundo sua forma e estilo. É mais por sua cultura que por suas características biológicas que os grupos humanos diferem, uns dos outros.

Tôda civilização tende a crer que as atitudes e as formas de agir que lhe são próprias não constituem a expressão de sua cultura particular, mas a da natureza humana em geral. Nossa civilização se tem tornado culpada dêsse pecado de orgulho e não foi senão muito recentemente, graças à antropologia, que se chegou a ter consciência dêsse etnocentrismo. Muitas vezes, atribuímos aos homens de outras sociedades nossas carências, nossas reações e nossos preconceitos. Tal cegueira é particularmente perigosa no momento em que procuramos beneficiar outras sociedades com nossos conhecimentos técnicos.

O PROBLEMA DAS DIFERENÇAS PSICOLÓGICAS
INATAS ENTRE RAÇAS

Há um preconceito ainda muito difundido, segundo o qual as "raças" ditas primitivas seriam dotadas de órgãos sensoriais cuja qualidade diferiria da dos nossos.

Tôdas as experiências feitas nesse domínio têm demonstrado que a acuidade da visão, da audição, assim como a memória fabulosa de que certos grupos parecem dotadas, não se relacionam absolutamente com um sistema nervoso constituído diferentemente do nosso, mas, simplesmente, com uma especialização de caráter cultural. A maneira por que os "primitivos" vêem, ouvem e reagem a certas percepções é, tal como na nossa cultura, condicionada por atividades e por interesses tradicionais.

Ouve-se muitas vezes dizer que certos grupos da África, ou de outras regiões, não distinguem senão um número muito limitado de côres. Em verdade, essa incapacidade é apenas verbal e nada tem com a percepção. Prova disso é o sentido muito delicado que eles manifestam, a respeito de matizes, quando se trata de cousas que revestem importância cultural. Criadores malgaxes têm, para designar os diferentes pelos de seus rebanhos, um léxico tão rico e tão variado, quanto o nosso.

Assim como nós utilizamos todos os sons que somos capazes de produzir com nossos órgãos vocais, mas escolhemos um número muito restrito deles, para comunicar-nos, da mesma maneira não retemos, na memória, todos os objetos que se apresentam à nossa vista ou todos os sons que ferem nossos ouvidos. Seleccionamos, apenas, os que correspondem a nossos interesses, a nossos gestos e às nossas aptidões profissionais.

A FUNÇÃO DA ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Pode-se considerar como proposição evidente que um bom filme educativo não será realizado, se o cineasta não possui conhecimentos precisos sobre a cultura dos futuros espectadores. Isso parece um truismo, e seria, se não verificássemos que essa condição elementar é muitas vezes ignorada. Mesmo quando o técnico acredita ter adquirido alguma familiaridade

com o meio para o qual trabalha, funda-se, não raro, em impressões rápidas ou superficiais e em inferências e suposições que êle tira de sua própria cultura. Têm-se feito reparos a grandes produtores por produzirem filmes em função das idéias que êles fazem do gosto do público.

Muitos Auxiliares Visuais merecem a mesma crítica. Quantos europeus, animados das melhores intenções, atribuem aos "primitivos" sentimentos ou pensamentos que não são senão projeções de sua própria maneira de ver e de sentir! A antropologia, que é ciência velha de um século e que, na hora atual, apresenta desenvolvimento notável, propõe-se, precisamente, estudar as culturas por métodos científicos, eliminando os preconceitos, as generalizações ousadas e o etnocentrismo, verificando cada informação obtida e analisando cada instituição, em função do conjunto da cultura. Ela preconiza pesquisas longas e pacientes, amostragem rigorosa e observação paciente do comportamento real. Ela aspira à possibilidade de poder predizer, com fraca margem de erros, o comportamento de todo indivíduo representativo de uma cultura determinada. Isso é ideal difícil de atingir-se, (estamos longe de negá-lo), mas cumpre-nos atingi-lo, malgrado todos os obstáculos.

A antropologia moderna já alcançou uma soma imensa de informações sobre bom número de sociedades. Dessa acumulação de documentos ressalta que a pobreza do instrumental técnico não corresponde sempre a estruturas sociais ou religiosas simples. Os indígenas da Austrália, que são considerados os mais primitivos de nossos contemporâneos, possuem organização social tão complexa que exige de quem a estuda habilidade pouco comum. De mais a mais, os sistemas religiosos da África revelam-se a nós como teologias superiores, associadas a rituais não menos refinados.

Querer, pois, dirigir-se aos "primitivos", como se êles fôsem crianças, seria o mais grave e o mais grosseiro dos erros. São homens, cuja aptidão e inteligência se orientam para fins diferentes e que se acham submetidos a uma tradição diversa das nossas, mas que possuem, no mesmo grau que nós, a faculdade de aprender. Para servimo-nos dos termos da segunda declaração sobre a raça, podemos dizer deles que "são por natureza educáveis".

Não se pode exigir do educador que empreenda por si as pesquisas que o façam penetrar na intimidade de uma cultura estrangeira. Todavia, é legítimo exigir-se que os projetos de certa envergadura que pretendem mudar o curso da história de uma sociedade, sejam empreendidos na base de conhecimento exato do meio cultural, conhecimento que não pode ser o fruto senão de estudos antropológicos.

O SENTIDO DA "PARTICIPAÇÃO". NO EMPRÉGO

DOS AUXILIARES VISUAIS

Qualquer filme de fins educativos não pode suscitar impressão durável, se não desperta no espectador sentido de "participação".

Os relatórios publicados sobre reações de espectadores indígenas a filmes educativos assinalam à compita, o sucesso obtido pelas produções em que o público se reconhece a si mesmo e encontra, ao mesmo tempo, cenas familiares. O tema e o objeto que forem separados do quadro cultural poderão excitar curiosidade ou divertimento, mas o espectador não se identificará com as personagens ou a história que lhe são apresentadas. Ele não tirará nenhuma lição do filme que lhe mostrar homens e atividades a que é estranho.

Ora, para suscitar esse sentimento de participação, um conhecimento do gênero de vida e do sistema dos valores é indispensável. Mesmo quando se trata de pormenores puramente exteriores, como o vestuário, o cineasta não pode mostrar-se negligente. Assim, se uma personagem que deve simbolizar a pobreza aparece no ecran trajando jaquetão, toda a trama da história pode vir a tornar-se incompreensível. Observações análogas podem ser feitas a respeito da habitação, da ferramenta etc. Na mesma ordem de idéias, os atributos simbólicos devem merecer atenção, do contrário o efeito que se procura pode ser destruído. Suponhamos que sejam, em demonstração de um melhor método técnico e vantagens correspondentes, mal compreendidas e representadas as técnicas indígenas. O alcance inteiro do filme será destruído, pois as críticas não serão aceitas. a/

O cuidado concedido à menor particularidade liga-se à intensidade com que um público não familiarizado com os Auxiliares Visuais reage ao espetáculo que lhe é oferecido. Sua atenção pode ser arrastada para objetos de pouca significação; qualquer fato acessório pode atrair todo o interesse de uma "sala". A interpretação que os estrangeiros dão de sua cultura toma valor incrível a seus olhos.

Se ele se extasia com o realismo, não perdoa, facilmente, um erro grosseiro. Essa atitude não é senão uma transposição do prazer que o etnógrafo causa a seus informadores, quando ele se curva aos costumes locais ou se mostra capaz de uma atividade própria da comunidade.

Quando os efeitos nefastos de uma atividade econômica tradicional são descritas em um filme, seria judicioso mostrar, por outro lado, que se tem consciência das repercussões que uma mudança de métodos pode trazer.

Tomemos o caso da erosão. Não basta mostrar por imagens os resultados funestos da destruição das matas, é preciso também sugerir meios alternativos que remedeiem à pobreza dos solos tropicais, indicar a madeira para a carpintaria e a lenha para o aquecimento etc. É da compreensão das necessidades de uma cultura que nasce a atmosfera de simpatia que permite fazer aceitar as mudanças. Assuntos técnicos, como a criação de animais, não devem ser tratados sem precauções, por força das complicações religiosas e sentimentais que podem acarretar.

O caso dos Masai e outras tribos da África oriental é, a esse respeito, revelador. Os imensos rebanhos de gado vacum de que se rodeiam afetam, desfavoravelmente, seu bem-estar econômico, tal como o concebemos. Um filme que preconizasse melhor seleção do gado e sua limitação suscitaria, sem dúvida alguma, a indignação mais violenta, pois se estaria se fazendo tábuas rasas dos complexos emocionais que unem ali homens e animais. Tratar um boi masai como um simples animal, quando, aos olhos desses indígenas, é um amigo ou um parente, equivaleria a um insulto mortal. Por outro lado, o filme que levasse em conta e mostrasse sob aspecto simpático essa simbiose sentimental, entre o grupo humano e seus rebanhos, despertaria, pelo contrário, disposições favoráveis entre os espectadores. Este exemplo, inteiramente hipotético, foi escolhido de propósito para mostrar as

diferenças que podem existir, conforme as regiões, entre atividades econômicas em aparência idênticas.

Nesta mesma ordem de idéias, o vasto domínio da medicina e da higiene oferece problemas constantes, estando mais que outro qualquer associado à religião e à magia. Parece-nos assaz vão recomendar a uma população possuída do medo da bruxaria que cave latrinas, sem lhe explicar, ao mesmo tempo, os meios de se proteger dos feiticeiros que poderiam aproveitar a ocasião para prejudicar a seus inimigos.

O problema de apresentar, sob forma visual, a origem das doenças, é particularmente árduo. Como representar as causas biológicas das doenças a uma população que tem tendência a lhes atribuir origem sobrenatural? Parece duvidoso que um filme educativo, por melhor que seja, possa, por si só, mudar as concepções dos indígenas, se estes não forem submetidos a ensino prévio que abale sua fé nas instituições mágico-religiosas. Contudo, o cineasta pode ser auxiliado pelo antropólogo que lhe assinalará as doenças, para as quais o público está disposto a ver o efeito em causas naturais e aquelas que lhe aparecem como manifestações de forças mágicas. O cineasta conduzirá, então, seus esforços para as doenças que pertencem à primeira categoria, antes de enfrentar as que vêm do sobrenatural.

A expressão dos sentimentos e das emoções que, como se sabe, varia, conforme as culturas, precisa ser examinada aqui. É um fato conhecido de todos que situações idênticas não provocam em qualquer parte reações análogas e que os sentimentos não se traduzem nem pelos mesmos gestos, nem pelas mesmas expressões faciais. Para não dar senão um exemplo: o regresso de um parente, depois de longa ausência, será saudado na Polinésia por lágrimas e lamentações e não por exclamações de alegria.

É sobretudo na expressão do amor que os contrastes se assinalam, nas várias culturas. Nisso, qualquer passo em falso arrisca-se transformar-se em inconveniência. Os índios Shoshones, que evitam exteriorizar sua intimidade conjugal, ficaram profundamente chocados com filmes comerciais que lhes apresentaram e concluíram que a maioria dos brancos eram debochados e, além do mais, hipócritas, pois que se metiam a criticar-lhes a moralidade.

O que se chama, em termos científicos, o "etos", isto é, o sistema do valor atribuído aos atos e às palavras, em uma dada cultura, deve ser escrupulosamente observado. O público das salas populares marroquinas gosta pouco das piadas dos atores cômicos, julgando suas pilhérias indecentes para homens cultos. Mulheres africanas, a quem se explicava pelo filme como era preciso fazer para banhar uma criança, ficaram admiradas de não se começar a limpeza pela cabeça. Exemplos dessa natureza poderiam multiplicar-se.

RECURSOS QUE A ANTROPOLOGIA PODE OFERECER AOS TÉCNICOS

A antropologia não se deve limitar ao papel, por demais negativo, de assinalar os erros ou as "gaffes" suscetíveis de prejudicar a eficácia de um filme. Ela tem diante de si tarefa mais fecunda, a de oferecer ao cineasta temas, tirados da vida cotidiana do público a que se dirige e também de lhe fazer conhecer os mil e um incidentes de que pode tirar partido para enriquecer o seu cenário. É precisamente pelo uso judicioso desse material que o cineasta criará no espectador o sentimento de participação que nos parece essencial.

O folclore constitui fonte inesgotável de anedotas ou de exemplos que projetados no ecran serão imediatamente compreendidos e que, além de tudo, serão recebidos com entusiasmo. Grande número de sociedades possuem no seu folclore uma personagem que é ao mesmo tempo um cômico (trickster), um ingênuo ou um cristo. Atribuem-se-lhe os erros que foram na origem maldições que pesam sobre a humanidade. Sua ignorância enfatuada e sua irresponsabilidade poderão ser utilizadas, fazendo-se dele o símbolo da ineficácia, quanto um herói civilizador, inovador por excelência, poderá desempenhar o papel tradicional de benfeitor e de espírito ousado. As lições trazidas pelo filme sob essa forma se integrarão no ensino que tem, além do mais, o mérito de divertir o público.

Se se trata de apresentar cartazes ou ilustrações, convém inspirar-se em símbolos que tenham curso em uma determinada cultura. Não esqueçamos nunca que as cores despertam associações diferentes e que uma mensagem pode perder em parte sua significação, se está acompanhada de símbolos contraditórios.

O uso do folclore local, dos motivos artísticos familiares e as alusões à história real ou mística do grupo contribui para reforçar o sentimento de dignidade que é tantas vezes ameaçado pelo contacto cultural. A tendência de uma sociedade arcaica, cuja cultura se desagrega, é desenvolver entre seus membros mal-estar em face de suas antigas tradições. Muitas vezes a distância que a separa da civilização ocidental é tão grande que o medo de não a poder transpor engendra o pessimismo.

Apresentando as inovações desejadas, no quadro mesmo da cultura, rende-se a esta uma homenagem a que são sensíveis os espectadores e ajuda-se a estes vencerem sua desconfiança, por si mesmos, e seu esmorecimento.

ATTITUDE EM FACE DO CINEMA EM GERAL

A atitude de uma sociedade em face do cinema merece ser examinada atentamente. Cada dia, grupos cada vez mais numerosos, que habitam as regiões mais recuadas do mundo, têm ocasião de ver filmes. Raros são os indivíduos que experimentam sentimento de medo. Em alguns casos, verificou-se que personagens projetados no ecran pareciam fantasmas; geralmente, contudo, passado o primeiro choque, os povos mais "primitivos" tomaram gosto muito vivo por essa nova forma de divertimento. Como os filmes projetados são dificilmente compreensíveis pelos motivos já enumerados, as salas de espetáculo devem ter um comentador titulado que explique as cenas, à medida que elas se desenrolem. Em certas aldeias dos índios Maya, o cinema é considerado como um dos atributos indesejáveis de nossa civilização. Os indígenas viam seu aparecimento com receio, temendo que se viesse a tornar necessidade onerosa para as jovens gerações. Entre os Balinais o cinema foi recebido, friamente, e foi julgado como um divertimento aborrecido. Esse reparo se entendia, naturalmente, com filmes comerciais que não tinham sido feitos para o público a quem eram exibidos; mas é importante lembrar que os membros de sociedade arcaicas não são crianças e que, cessando a novidade de os transformar corrijam por si mesmos as faltas de interpretação cometidas por falta de hábito e exijam que o filme os "interesse".

"Por que ir ao cinema para ver cavalos e galinhas, quando posso vê-los de graça?" exclamava um índio Maya, saindo de um cinema rural. Seria bom evitarem-se tais críticas.

CONCLUSÕES

- 1) O cineasta deve ter em muita conta a cultura do meio para o qual prepara o seu filme.
- 2) Ele não deve considerar o seu público como sendo formado de crianças grandes, mas de homens, cuja visão do mundo, bem que diferente da sua, é valiosa e respeitável.
- 3) A falta de hábito não deve ser equiparada a defeitos inatos de inteligência ou a diferenças de percepção.
- 4) O espectador deve ser chamado a participar do filme e para isso é preciso que se identifique com o assunto.
- 5) A antropologia tem meios e técnicas para facilitar a tarefa do cineasta.

A conferência de Robert Lefranc, que em seguida transcreveu, forneceu matéria para debates prolongados, pela substância técnica de que está impregnada e pela segurança de conceitos que tornaram o autor figura de pról nos trabalhos do Estágio.

OS AUXILIARES VISUAIS,

A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO DE BASE

Os meios modernos de comunicação têm permitido evolução rápida de todos os países e, em particular, têm dado lugar mais importante, por vezes mesmo capital, a povos que ficaram, durante muito tempo, à parte das grandes correntes de civilização, por motivos geográficos, políticos ou sociais. Essa ascensão cria deveres. Se as nações jovens querem ter no mundo o papel a que aspiram, cumpre-lhes, antes de tudo, assegurar a promoção social e cultural dos indivíduos, dando-lhes ao menos uma "educação de base" eficaz e durável.

Tal educação suscita problemas de amplitude sem precedentes. Trata-se de instruir milhões, às vezes centenas de milhões de indivíduos de todas as idades, que falam línguas diferentes. Não basta ensinar-lhes, primeiro, a ler, mas, antes de tudo (ou simultaneamente, conforme os casos), dar-lhes, rápida e eficazmente, conhecimentos sólidos em domínios diversos, como a higiene, técnicas de trabalho e instrução cívica. Os países da Europa chegaram a êsse resultado por um esforço de escolarização progressiva que levou vários séculos. Não se pode adotar o mesmo sistema no caso presente: seria preciso de antemão formar mestres que faltam, cruelmente, escolarizar uma parte das crianças, negligenciando, totalmente, o maior número, a saber, os adultos.

A tempos novos, fórmulas novas. O apêlo às técnicas audio-visuais e, particularmente, ao cinema e à projeção fixa, parece fornecer solução razoável que já deu provas de eficácia. A utilização dessas técnicas poderosas e eficazes, porém, apresenta questões delicadas às quais nem sempre é possível dar resposta, dada a insuficiência da experimentação. Tornou-se, por isso, necessário elaborar uma pedagogia, mesmo provisória, do em

prêgo das técnicas audio-visuais, a serviço da educação de base.

Depois de ter salientado a contribuição que se pode esperar delas, esforçar-me-ei por destacar, à luz das experiências já realizadas, alguns princípios pedagógicos de aplicação.

I - CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA

- Uma representação concreta do mundo.

O educador deve fornecer ao estudante uma seleção adequada de experiências concretas, condição de todo ensino frutífero, mas como obter-lhas? Por apêlo ao meio ambiente imediato? Naturalmente, e por prioridade. Acontece, porém, que o número das mesmas é limitado e importa "sair a criança ou o adulto de sua região". Por que meios, então? À falta de contacto direto com os homens, cousas ou fenômenos, o educador deve dar representação disso, tão concreta quanto possível. As técnicas audio-visuais são as únicas que permitem alcançar êsse objetivo. Elas abrem sôbre o mundo uma ampla janela.

Coloquemo-nos, por um instante, na situação de um habitante de aldeia do interior africano. Fora da experiência ancestral, fora das dificuldades e trabalhos cotidianos, fora das tradições e dos costumes de sua tribo, não tem êle nenhuma noção do resto do mundo. Esta, entretanto, condiciona sua promoção social; tanto isso é verdade que as grandes civilizações são o fruto de mudanças constantes. O cinema lhe fará descobrir outros céus, paisagens diversas, homens de tôdas as raças, cidades estranhas, técnicas de trabalho desconhecidas. Êle lhe oferecerá, também, em comparação, técnicas próximas das suas, que tomarão logo, sob a ação de um educador avisado, o valor de exemplo. O cinema permite a cada indivíduo "sair de sua aldeia".

- Multiplicação dos documentos e dos auditórios

Um documento dado, um filme por exemplo, foi produzido em um país determinado, onde deu provas de sua eficácia pedagógica. É provável que possa prestar grandes serviços em outros

países. Pode-se, então, tirar dêle grande número de exemplares. O esforço de criação do realizador do filme aproveitará a milhar, sim, a milhões de indivíduos.

— Manejo e possibilidade de adaptação dos documentos

Evidentemente, concebido em um meio determinado e para fim preciso, um filme será raramente adaptado a auditórios que pertençam a meios diferentes. Entretanto, o mesmo será facilmente adaptável: adaptação do comentário, adaptação da estrutura, adaptação mesmo da velocidade de projeção. O filme e a projeção fixa propõem a todos os educadores documentos e instrumentos que êles devem adaptar ao nível e às necessidades de seus auditórios. A êsse respeito, até mesmo um mau filme fornece às vezes excelentes documentos.

— Auxílio valioso, em falta de educadores.

Assinalei mais acima a penúria trágica de educadores qualificados em numerosos países. É uma das razões pelas quais é impossível organizar-se ensino por classes de 30 a 40 alunos. Os Auxiliares Visuais permitem aumentar consideravelmente a importância das "classes", que podem compreender às vezes várias centenas de "alunos". O cinema, por exemplo, serve a vastos auditórios, principalmente se a projeção se desenrola ao ar livre e não exige sala de dimensões suficientes. Um só educador, apoiando-se em técnicas visuais apropriadas, poderá instruir um número de alunos superior ao que êle instruiria nas condições tradicionais do ensino.

— Harmoniosa combinação das vantagens do ensino coletivo e do ensino individual.

Será preciso dizer-se que as técnicas Audio-Visuais não podem oferecer senão um ensino rígido e estereotipado? À falta de mestres, não se vai apelar para máquinas, para aparelhos automáticos, sem desconhecer, no entanto, o caráter humano e individualizado de todo ensino proveitoso? Trata-se, apenas, de ver, na educação, o que pode ser coletivo e automático, de ensiná-lo em espaços de tempo mais curtos e da maneira mais efi

caz, para consagrar tempo maior à ação educativa individual. A utilização consciente dos automatismos conduz à ação refletida. Se, por exemplo, um educador competente pode dirigir-se a algumas centenas de indivíduos, valendo-se do cinema e da projeção, monitores especialmente treinados poderão, utilizando os mesmos meios, espalhar e estender o ensino do mestre a grupos mais restritos, cuja importância não vá além de uma classe tradicional. Ainda melhor: se as condições materiais permitem, nada obsta a que os alunos retomem, isoladamente, certos documentos, analisem-nos, sossegadamente, revejam-nos e escutem-nos, tantas vezes quantas desejem. Tais métodos têm dado excelentes resultados, em particular no ensino das línguas, por meio do disco e do magnetofono. Judiciosamente utilizadas as técnicas audiovisuais completam, aprofundam e prolongam a ação direta e pessoal do educador.

— Ensino eficaz e acelerado.

Concreto, adaptado rigorosamente pelo mestre ao nível do auditório, o ensino pelas técnicas audiovisuais tem dado provas de sua eficácia em todos os graus de cultura, em todas as disciplinas, das mais abstratas às mais concretas, muito especialmente, é claro, nas últimas. Ora, a educação de base procura, antes de tudo, fornecer ao indivíduo dados concretos, susceptíveis de tradução imediata em ação. Ela pode, pois, esperar do cinema e da projeção fixa rendimento máximo. Em um tempo dado, pode-se ensinar um mínimo maior de conhecimentos. O processo educativo se acha consideravelmente acelerado, em proveito do mestre, como dos alunos. Resta, agora, ver por que motivos.

II - DADOS PSICO-PEDAGÓGICOS

As técnicas audiovisuais, por sua natureza mesma, favorecem, ao máximo, o ato educativo.

— Estímulo da atenção

Apresenta-se um filme a jovens alunos ou a adultos;o

resultado é sempre o mesmo: a atenção dêles se lança, primeiro, para o projetor, depois para a tela. Esse estímulo da atenção é salutar, pois cria condições preliminares excelentes ao ensino, como têm provado numerosas experiências. A intervenção da "máquina" parece particularmente indicada no momento em que, durante uma aula ou uma conferência, a atenção começa a declinar. É necessário então oferecer-lhe um suporte visual.

Tem-se objetado que a atenção às vezes se acha mais atraída pelo projetor, que pela tela. Com efeito, o espontaneamente, a criança ou adulto, que jamais assistiram a uma sessão de cinema, procuram ver funcionar o projetor, mas, logo depois, toda a atenção se vira para a tela. Essa região violentamente aclarada atrai muito intensamente o olhar do espectador, por motivos puramente psicológicos, que não podemos desenvolver aqui.

— Possibilidades infinitas de motivação

Sem substrato afetivo, todo ensino tende ao fracasso. O indivíduo deve ter a impressão de que os conhecimentos que lhe querem transmitir correspondem a uma necessidade biológica, social ou cultural sua. Ele acompanha, então, voluntariamente, o ensino que lhe propõem. O filme permite, precisamente, apresentar os fatos de tal maneira que criem essa motivação, mesmo quando ela está ausente no começo. Não raro, é preciso dramatizar a apresentação de certos fatos, para se estar seguro de captar toda a atenção do auditório. O filme torna-se, então, um instrumento incomparável, de que deu provas, nesse domínio, tanto em salas de espetáculos, quanto em salas de aula. Reconstituindo, facilmente, uma atmosfera e uma situação, graças a um duplo suporte visual e sonoro, ele oferece ao educador um instrumento insubstituível que lhe fazia falta até bem pouco tempo.

— Linguagem facilmente assimilável.

O filme chega aos espectadores por intermédio de imagens. Essa linguagem - imagem é, ao mesmo tempo, simples e sugestiva: "uma imagem vale dez mil palavras", diz um provérbio chinês. Trata-se de linguagem elementar, a mais diretamente acessível a todos, com uma vantagem suplementar: tem significa-

ção internacional; sem distinguir a língua materna; todos os homens são, sem esforço, aptos a compreendê-la.

Entretanto, torna-se preciso formular, desde logo, reservas, às quais tornarei mais tarde. Vários indivíduos não verão a mesma coisa na mesma imagem: tudo dependerá de sua experiência anterior. O educador deve, pois, ajudar o aluno, na análise da imagem e não deixar que ele a interprete a seu gosto. Por outro lado, o cinema é uma seqüência de imagens organizadas. Essa organização condiciona a compreensão do filme por indivíduos de determinado grupo: nisso reside, sem dúvida, o problema fundamental do cinema. A imagem constitui uma linguagem facilmente acessível, mas é preciso saber fazê-la falar.

— Organização pedagógica da realidade

Um inseto, uma máquina, uma paisagem terão, respectivamente, para o naturalista, o engenheiro ou o geógrafo, significação toda particular, determinada pelos interesses e pelas experiências anteriores destes. Mas qual será a significação da máquina para o geógrafo e do inseto para o engenheiro? Se máquina e inseto constituem assuntos de ensino geral, sua apresentação aos alunos deverá ser feita sob forma tão diretamente assimilável quanto possível. Quanto mais baixo for o nível cultural do indivíduo, tanto mais deve o educador cuidar da preparação e da apresentação dos conhecimentos. Destinam-se aos estômagos das crianças alimentos pré-digeridos. Torna-se preciso, também, ^{submeter} a uma operação da mesma ordem os conhecimentos que se deseja transmitir a alguém, para os adaptar, da maneira mais perfeita que se puder, aos cérebros a que se destinam.

As técnicas audio-visuais atendem a essa necessidade. Um filme de ensino, por exemplo, não copia a realidade; seleciona somente os elementos significativos para o auditório e úteis para a demonstração, reproduz ^{então} sob forma facilmente observável e compreensível. O filme ^{restitui} a realidade reorganizada, pedagogicamente utilizável e ^{adaptada} conforme a um nível mental determinado.

— Ensino democrático

Ninguém deve, pois, admirar-se dos resultados essen-

cialmente confirmados, em todos os países, por experiências múltiplas, nos diferentes graus da educação. Se as técnicas audiovisuais são utilizadas, racionalmente, em uma classe, todos os alunos aproveitam do ensino, enquanto que, muitas vezes, só os que são chamados "bons alunos" tiram proveito do ensino que qualificarei de tradicional. Os indivíduos de nível médio ou medíocre encontram, enfim, a ocasião almejada: um ensino visual e racional, conforme a suas necessidades e cientificamente adaptado a suas possibilidades psico-pedagógicas. Naturalmente, os indivíduos de nível mais elevado não têm, igualmente, senão que felicitar-se pela mudança. As técnicas audiovisuais trazem consigo uma resposta ao desejo expresso, há tanto tempo, pelos educadores: um ensino realmente "democrático", um ensino que se destina a todos os indivíduos.

III - CONDIÇÕES PEDAGÓGICAS DE UTILIZAÇÃO

Muito eficazes nas mãos de educador especialmente treinado, filmes e filmes fixos podem ser inúteis, até mesmo prejudiciais, se manejados por educador medíocre. Sua utilização cria, com efeito, problemas pedagógicos delicados. Convém que se elabore, assim, uma pedagogia especial, de que não possuímos, presentemente, por falta de experiências em número suficiente, senão os primeiros elementos. É tão importante meditar, com cuidado, sobre os princípios fundamentais dessa utilização, quanto importante é o direito que temos de formulá-los.

- Assegurar-se de que o auditório compreende bem a linguagem que se quer empregar.

Conforme disse antes, a despeito de aparências fáceis, a linguagem-imagem, sobretudo no caso de imagens animadas, não é facilmente acessível a todos. Múltiplas experiências têm revelado grosseiros erros de interpretação. Um indivíduo de certa idade mental não poderá compreender algumas técnicas cinematográficas. Como poderia ser de outra forma? A aprendizagem da linguagem falada e escrita exige vários anos de ensino: ensinam-se à criança, primeiro, palavras isoladas; depois, ela constrói uma frase muito simples, com sujeito, verbo e complemento

meio de

direto; acrescenta a isso, posteriormente, complementos indiretos e circunstanciais. Muito mais tarde, inicia-se o aluno nos mistérios das proposições principais, coordenadas e subordinadas. A linguagem cinematográfica comporta, por sua vez, sujeitos, verbos e proposições diversas. Por que, então, tantos educadores esperam da criança ou do adulto compreensão imediata do filme? Essa atitude constitui, sem dúvida, o perigo maior que ameaça a utilização pedagógica dos auxiliares audio-visuais. Por um treinamento especial, cumpre, antes de mais nada, ensinar aos indivíduos a "ler o filme".

Não é, absolutamente, supérfluo lembrar aqui alguns dos problemas mais delicados:

— Problemas dos planos.

A criança ou o adulto, que não tem hábito de cinema, compreende, com dificuldade, a sucessão de planos de grandezas relativas e sua hierarquia, elemento fundamental da sintaxe cinematográfica. Por exemplo, muitas vezes a ligação entre um plano geral e um plano principal lhes escapa, totalmente.

— Problema das técnicas utilizadas.

"Figuras de estilo cinematográfico", tais como a panorâmica ou a de movimento, não são compreendidas antes de uma idade mental avançada. Seu emprêgo pode provocar no espectador, de forma inesperada, o riso ou o medo e aniquilar todo o esforço de compreensão.

— Problema do tempo cinematográfico.

Em um filme, o "tempo normal" constitui já aceleração considerável em relação à realidade. O indivíduo não previsto poderá acompanhar êsse movimento imposto? Com mais forte razão, mesmo na idade mental de 10 a 12 anos, a "eclipse" e o "retour en arrière" conservam todos os seus mistérios. É também muito provável que as técnicas do "acceléré" e do "ralenti" não tenham lugar nos filmes de educação de base.

— Problema da escala

Da mesma forma, os planos de conjunto e as microfotografias não poderão ser utilizadas sem as maiores precauções: têm-se registrado, muitas vezes, depois da projeção de filmes, considerações altamente fantasistas sobre o tamanho fabuloso de micróbios ou de insetos. É preciso, pois, que se forneça sempre um ponto de referência capaz de dar uma idéia da grandeza real.

— Problema do esquema

Todo esquema participa de uma abstração mais ou menos acentuada. Ainda quando a relação com a realidade se acha bem sublinhada, mesmo quando a transição do real para o esquemático está cuidadosamente assegurada, o espírito do adulto não evoluído compreenderá muito dificilmente o esquema, por falta de poder de abstração suficiente. Não é de admirar, pois, que, nessas condições, o emprêgo do desenho animado, na educação de base, seja particularmente controvertido. el

— Problema da unidade de ação:

O seguimento, em um mesmo filme, de duas ou várias ações paralelas e simultâneas parece prejudicar, consideravelmente, a compreensão, e necessitar de múltiplas explicações. Pelo contrário, o auditório segue, com proveito, uma ação simples e única, capaz de ministrar um ensinamento.

Todos êsses problemas aparecem ligados em definitivo ao modo de compreensão do indivíduo culturalmente pouco evoluído, criança ou adulto. Cada plano, cada cena, cada seqüência de filme comporta efeito específico. Opondo-se a essa especificação, o cinema começa a lutar pelo estabelecimento de relações no tempo e no espaço, em uma palavra, pela organização. Mas o indivíduo de nível mental baixo, que nos interessa aqui, revela um modo de observação global, sincrético. Será sempre possível lutar, vitoriosamente, contra o perigo de compreensão lacunar inerente ao cinema? A organização lógica triunfará da observação sincrética? Contra êsses inconvenientes, o produtor do filme e seu utilizador devem juntar seus esforços. sobre

* * *

Intencionalmente, enumerei, rapidamente, alguns dos problemas que apresenta a utilização do cinema, linguagem-imagem particularmente complexa. Certos educadores, conscientes desses problemas, mas alarmados com sua amplitude, transferem, de caso pensado, todo o seu interesse para o filme fixo. Ora, sob aparências mais fáceis, a projeção fixa conhece bom número das limitações, na expressão, que acabo de mencionar, a propósito do cinema.

SELECIONAR A TÉCNICA E O DOCUMENTO.

EM FUNÇÃO DE CRITÉRIOS PSICO-SOCIAIS E PEDAGÓGICOS

- Critérios psico-sociais: - a educação de base não se propõe a modificar, abruptamente, o comportamento dos indivíduos, mas a chegar, pouco a pouco, por ação contínua e refletida, à evolução racional. Não se deve, pois, utilizar nunca documentos que estejam em oposição flagrante com os costumes e hábitos da aldeia ou da região. Do contrário, os indivíduos reagirão de maneira negativa, ou mesmo de maneira hostil, cheia de conseqüências para o prosseguimento da experiência. O educador deve conhecer bem o filme ou o filme fixo que vai utilizar e poder prever as reações de seu auditório. Não faltam exemplos de filmes que, mostrados sem as precauções devidas, desacreditaram para sempre aos olhos da população aquê-le que lhes havia projetado e desencadearam reações brutais e imprevistas.
- Critérios pedagógicos: - diante de determinado problema, o educador deve levantar o inventário dos documentos de que se pode munir. Deve estudá-los, com cuidado, escolhê-los, conscientemente, sem idéia preconcebida, sobre o valor relativo dos meios: um bom filme fixo pode prestar-lhe serviços superiores aos de um mau filme animado, se o movimento não for necessário à compreensão. Algumas seqüências isoladas do filme são úteis ao ensino? Pode ser prejudicial projetá-lo na totalidade. Algumas vistas bem escolhidas, extraídas de

um filme fixo, podem ter mais efeito que o conjunto das vistas, das quais muitas não têm, sem dúvida, interêsse para o caso em foco. O mestre não deve tornar-se nunca escravo do documento visual. Só a contribuição pedagógica que se espera deve guiar a escolha da técnica, do documento ou das partes do documento.

- Provocar e manter motivação apropriada: - todo ensino desprovido de substrato afetivo está votado a fracasso, com muito mais forte razão, ainda, quando se trata de crianças ou adultos, cujo desenvolvimento mental apenas começa. Antes de ^{está inici} ~~apre~~ ^{and} sentar filmes e filmes fixos didáticos, portadores de mensagens, convém que o educador se capacite de que os indivíduos a que se destinam, estão, se assim me posso exprimir, "em estado de graça", isto é, em boas condições de receptividade da mensagem.

Em uma sociedade economicamente subdesenvolvida e, eventualmente, subalimentada, as necessidades biológicas podem fornecer os fatores mais poderosos de motivação. Mas não convém, em caso algum, subestimar a força das necessidades sociais e culturais, que talvez não seja fácil descobrir, em uma sociedade fechada, cuja cultura se desenvolveu, sem contactos exteriores. Não se deve hesitar, também, em apelar para as emoções mais primitivas, se elas permitem assegurar a continuação do interêsse pelo ensino proposto, cuja importância vital aparece então muito nitidamente.

Se a necessidade a que o educador procura atender existe em estado latente no aluno, sua tarefa torna-se fácil; muitas vêzes, porém o adulto ou a criança não experimentam, sem esforço, a necessidade do ensino que lhes querem inculcar. O educador deve, então, despertar êsse interêsse, criar essa necessidade e mantê-los cuidadosamente. Certos filmes especiais o auxiliarão, consideravelmente, nesse empreendimento.

Seguramente, não se trata de suscitar necessidades supérfluas e artificiais, outro perigo que a educação de base deve evitar.

Se o que se quer despertar não melhora a vida do grupo, se não podem ser satisfeitas, essas necessidades engendram descontentamento e tornam-se nefastas. Para julgamento de valor

ou *assemeeha*
identifica

Isso cria um grave problema, no caso do cinema, que tira grande parte de sua fôrça do processo de identificação: o indivíduo ^{compara} assimila a sua situação à que êle vê desenrolar-se na tela, à de um autor que êle sente próximo de si e que querará imitar. Se o ator lhe é totalmente estranho, o papel que desempenha não terá qualquer alcance. Pelo contrário, o indivíduo viverá intensamente um filme em que se reconhecer. A produção local ou regional de filmes e filmes fixos permite ^{satisfazer} responder a essa aspiração. O educador conseguirá muitas vêzes maior proveito de um filme realizado no local da experiência, mesmo se êle é tècnicamente imperfeito, porque os indivíduos se reconhecerão ou reconhecerão seus semelhantes. Não haverá qualquer mudança de hábitos e usos.

Ainda mais: essa produção local pode dar oportunidade de aproveitamento de aptidões naturais de certos elementos do grupo para a atividade dramática, para o desenho, para o amadorismo profissional etc. A contribuição pessoal reforça, consideravelmente, o interêsse dêsses elementos pelo ensino.

- Integrar em um conjunto educativo e coerente o documento utilizado, que se deve tornar um meio: - Em todos os países, por falta de treinamento adequado, numerosos educadores, mesmo dos melhores, são vítimas de certa "tirania do filme". Êles têm desempenhado o papel de aprendizes-feiticeiros. Recorrendo à ajuda de instrumento poderoso, deixam de ser mestres e, insensivelmente, o filme cessa de ser simples meio, para tornar-se fim. Só em casos muito raros, podem os filmes chegar a isso. Uma das principais razões é sua inadaptação à classe ou ao aluno. Propõe-se a milhares de alunos um filme que foi montado e sonorizado, uma vez por tôdas. Ora, não existe, mesmo nas condições de estandarização do ensino europeu, duas classes semelhantes. O ensino do filme deve ser adaptado pelo mestre à experiência passada e presente dos alunos e da classe.

^{da-se} É a mesma cousa (e com mais forte razão) com a educação de base, em que as condições locais são únicas e exclusivas. Trata-se de enquadrar e completar o filme, cuja ação própria, isolada, não teria, sem dúvida, senão eficácia bastante reduzida.

O educador deve, antes de tudo, fazer acompanhar o filme de comentário apropriado. O auditório compreende a linguagem do comentário impresso? Muitas vezes, não. Ainda que esteja apto a compreendê-lo, o ritmo não é muito rápido? Sobretudo, não compreenderia melhor o comentário ~~melhor o comentário~~ na língua local? Novos meios técnicos permitem fazer, em fita magnética, um registro especial para determinado auditório. Se não se dispõe desse material, urge apelar para um "speaker" local e treiná-lo, previamente. Em todos os casos, o educador deve escrever, novamente, o comentário, adaptá-lo, abreviá-lo, não raro, intercalando longas pausas, propícias às meditações, às perguntas e às respostas.

Durante a projeção e depois dela, importa completar a linguagem fílmica. (Linguagem - imagem, direta, fica imperfeita). Por exemplo, sua gramática ignora as conjugações. A ação é sempre presente para o espectador não prevenido. Para ele, é preciso, pois, de viva voz, restituir a sucessão e a continuidade de temporal.

O filme deve ser sempre completado, com proveito, por outros documentos que o ^{sevem}acompanham, normalmente, ou que ^{ele}tiverem sido encontrados ou confeccionados no local: filmes fixos, vistas em "rhodolid", cartazes etc. Estes permitem um estudo mais demorado de certos pontos, de certas cenas, estudo que não seria possível nas condições habituais da produção cinematográfica. Se fôr necessário, uma segunda projeção do filme restituirá a unidade dinâmica do conjunto.

- Conservar sempre de pé o objetivo principal: a ação: - O cinema-espetáculo não tem outra intenção, além da distração do espectador. O filme didático, pelo contrário, é solidário com a pedagogia do esforço. É um começo e não um fim. Ele abre caminho à ação ou, pelo menos, a um esforço de pensamento pessoal.

Se o filme tiver êxito, já estará preformada a ação na apresentação. A projeção prega o indivíduo ao assento, interdita-lhe qualquer mudança de lugar e contém os seus movimentos. A projeção é expectativa, a ação libera. O filme, interpretado pelo educador, deve induzir à familiarização com a realidade, dispor às transições e aos contactos necessários, orientar a ação no sentido desejado. Naturalmente, o meio deve ofe-

recer possibilidades de ação; muitas vezes, têm-se projetado filmes, recomendando o uso da charrua, até do trator, a pobres camponeses, que não têm à sua disposição senão uma reles enxada.

Principalmente, no caso da educação de base, a ação deve ser mensurável, porque ninguém pode, ^{pelos} ~~per~~ motivos indicados, ^{v/} mais acima, estar seguro, por outra forma, da compreensão do indivíduo. Trabalhos, construções, tentativas controláveis revelarão o alcance do filme. Mais tarde, as estatísticas confirma ^{rat} talvez o poder criador de uma série de filmes cujo efeito cumulativo se manifesta, às vezes, a longo prazo.

Não há milagres em educação. Filmes e filmes fixos não são panacéias universais. Mas eles trazem, sobretudo ao serviço da educação de base, meios mecânicos eficazes que reforçarão, poderosamente, a ação humana do educador do século vinte.

* * * *

Ultimada a primeira semana do estágio, em que se ouviram as conferências programadas, entraram os estagiários a trabalhar em grupos. Tôdas as reuniões se fizeram, tanto as plenárias, como as de grupos, em dependências da Universidade de Messina, ambiente dos melhores e mais adequados, pelo conforto, distinção e bom gosto de que está impregnada tôda a instituição da elite científica e artística da região.

Eram três os grupos de trabalho:

- a) - de produção
- b) - de utilização
- c) - de formação de técnicos.

O delegado do Brasil, além de escolhido para integrar o Comité-Diretor do Estágio, com representantes dos Estados Unidos, Grã Bretanha, França, Índia, Jordânia e Libéria, foi designado para os trabalhos do 2º grupo: - utilização dos auxiliares visuais, na educação de base.

Depois de duas semanas de trabalho, chegou o grupo às conclusões que adiante juntamos, as quais foram incorporadas,

posteriormente, ao relatório provisório do Estágio.

Dia a dia, com interrupção apenas dos domingos, quando se faziam excursões, para visitas a lugares históricos, relacionados com o Estágio, onde se verificavam, às vezes, aspectos e amostras filmadas, escritas ou desenhadas, reuniam-se os componentes dos trupos, pela manhã e à tarde; à noite, também, para apreciação de filmes didáticos e educativos.

Com presidentes e secretários eleitos pelos elementos de cada grupo, trabalhavam êstes, intensamente, participando dos debates, expondo seus pontos de vista e apresentando sugestões, tudo em ambiente de mais franca cordialidade e de mais expressiva cooperação. Após duas semanas de labor algo exaustivo, apresentaram os grupos as suas conclusões e as suas recomendações, constituindo estas o precioso material, com que a Comissão do Relatório Geral trabalhou, durante a última semana do Estágio.

De interesse imediato para o Ministério da Educação e Cultura são essas conclusões e recomendações, pelo que junto-as ao presente relatório, advetindo que se trata de matéria provisória, cuja redação final está a cargo de comissões especiais do Secretariado Geral da UNESCO, que promete o trabalho definitivo, dentro de algum tempo, aos países participantes do Estágio.

Vão anexos os originais das conferências e dos documentos, a que faço menção, no correr dêste trabalho, reafirmando o propósito de traduz-los todos para a Revista Nacional de Estudos Pedagógicos, se nisso convier a direção do INEP.

Não deixo passar a oportunidade, para dizer de minha intervenção, várias vezes, no correr dos debates, tanto em plenário, como em sessões de grupo, o que me valeu recomendação ulterior a tarefas de colaboração, como no caso da interpretação de filmes brasileiros, com comentários em português, língua absolutamente desconhecida dos estrangeiros, mesmo italianos e francêses. Assim também, quando os estagiários, de modo geral, ao terem conhecimento do material que o delegado do Brasil havia conduzido consigo, sôbre a Campanha Nacional de Educação de Adultos, quiseram saber pormenores dêsse empreendimento e entretiveram com o mesmo, durante mais de uma hora, em sessão adrede convocada, o mais cordial entendimento.

Do interêsse despertado pela nossa comunicação dão provas as cartas que tenho recebido do Centro de Informação da UNESCO, das quais junto cópias ao presente relatório.

Já providenciei, atendendo ao apêlo do dito Centro de Informação, quanto à remessa do material sôlicitado, como pedi o intercâmbio direto do mesmo com o Departamento Nacional de Educação.

Neste ensejo, juntando o material trazido do Estágio, sugiro seja o mesmo enviado ao Instituto Nacional de Cinema Educativo, a quem interessa, mais diretamente, o documentário em aprêço.

IIª PARTE

Além da designação para o Estágio de Estudos sobre Auxiliares Visuais na Educação de Base, na Sicília, recebi do diretor do INEP a incumbência de aproveitar a viagem à Europa, para examinar as condições em que se processam, em alguns países do Velho Mundo, o aperfeiçoamento e o treinamento dos professores de ensino normal e primário.

Nesse sentido, mesmo durante os dias do Estágio, procurei investigar quanto havia sobre a matéria, em palestras com elementos dos países a visitar, uma vez concluídos os trabalhos na Sicília. Não me eram difíceis esses contactos, sobretudo com educadores italianos, com quem convivia, diariamente. O mesmo acontecia com franceses, belgas e suíços.

Da Itália, França, Bélgica e Suíça trago dados que apresentarei a seguir, lamentando tenha sido tão reduzido o tempo de que dispunha para essa coleta, atormentado que andava, em terra estrangeira, com falta de numerário, para ter paz de espírito e trabalhar, e com a falta de transporte para o Brasil, em uma época em que turistas e forasteiros fogem da inclemência da estação fria européia. Havia que retornar, tangido pelas contingências apontadas.

Na Itália, soube logo que nenhum treinamento se processa, de maneira sistemática e metódica, depois de recebido o diploma de professor, pelo que é dada aos futuros mestres prática intensiva de ensino, durante o período de formação profissional. O aperfeiçoamento de conhecimentos teóricos e práticos se faz, às vezes, através de cursos, diria melhor, de jornadas pedagógicas, levadas a efeito, sem plano de conjunto preestabelecido, em diversas regiões do país, como aquele curso nacional de didática, segundo os princípios de Montessori, realizado, sob os auspícios da Faculdade de Pedagogia da Universidade de Pádua, de 10 de junho a 3 de outubro de 1953. Os mestres que passam nesse curso, de maneira satisfatória, por ocasião do exame final, receberiam um diploma de especialização Montessori. Outro exemplo é o do Centro Nacional de Escolas Maternais, com sede em Bréscia, que organizou, no ano letivo de 1951-1952, três cursos nacionais de aperfeiçoamento para mestres e dirigentes

de escolas, e o de semanas de estudos em diversas localidades da Itália do Norte, do Centro e do Sul.

Nesse país não existe o mesmo interêsse que se nota na Bélgica e na Suíça pela formação profissional e aperfeiçoamento ulterior do professor primário. Vigora ali a tradição do preparo clássico-humanístico, que só recentemente começa a modificar-se, com a introdução de práticas novas, segundo os preceitos da pedagogia moderna, no currículo das escolas normais (scuola magistrale e istituto magistrale). Ênfase especial se dá ali ao ensino das escolas e institutos técnicos de tipo agrícola, comercial, industrial, de navegação etc., bem como às escolas de arte, nos institutos de arte, às academias de belas artes, liceus artísticos, conservatórios e liceus de música e às universidades.

Atente-se para o fato de que só em 1945 foi introduzido, nas escolas normais, o ensino de psicologia e restaurados, na mesma época, nas classes de aplicação, os exercícios didáticos, abolidos em 1935.

Não tem a Itália experiência de preparo e aperfeiçoamento de professor normal e primário que possa servir ao Brasil. O Conselho Superior de Instrução Pública anda, ainda agora, muito preocupado com a organização de concursos, para escolha de mestres, em cujo programa se inclui, como novidade, parece, as matérias seguintes: metodologia, pedagogia, legislação e organização escolares. Disse que isso me parece novidade, porque, logo a seguir, nas normas do concurso se insiste, de forma muito particular, sobre a orientação especial do ensino (escola ativa) e sobre as experiências mais decisivas que se têm realizado, em diversos países (Winnetka, Decroly etc).

Os planos de estudos, para todos os graus e categorias de escolas, previstos pelo projeto de reforma e apresentados, no dia 1º de janeiro de 1952, pelo Conselho Pedagógico, ao Ministro da Educação, têm lances desde muito vencidos entre nós. Lê-se, em publicação recente, como nota de franco progresso pedagógico, na Itália, que os Centros Pedagógicos Nacionais continuam suas atividades normais (sic); em particular, o Centro Pedagógico Nacional e Museu Escolar de Florença organizaram diversos congressos nacionais de estudos, destinados, um, ao ensino artístico e outro, ao ensino técnico. E, ainda, que classes ex

perimentais tem sido criadas, no país, e postas em circulação numerosas publicações de caráter pedagógico.

Na França, Bélgica e Suíça, o panorama é outro, no que concerne ao aperfeiçoamento dos professôres: não só existem tôdas as facilidades ao alcance dos interessados, para freqüentarem bibliotecas, museus e aulas-modêlo, como uma abundante literatura pedagógica, constante de livros, jornais e revistas lhes é oferecida, com a mais variada matéria. A isso acrescenta-se o subsídio valioso trazido pelo cinema, pelo rádio e pela televisão, com programas organizados, segundo as exigências de grupos sempre ávidos de cultura técnica e especializada.

Na França, como na Bélgica, indagando da maneira por que os governos cuidam do aperfeiçoamento profissional de seus professôres, fui informado de que o assunto não constitui propriamente, tarefa da administração pública, porque são os professôres, sobretudo, que se movimentam e procuram os meios mais adequados ao seu aprimoramento cultural. A tradição dessa atividade permanente, por parte dos mestres, leva os governos, quase que premidos pela classe, a proporcionarem a esta os elementos, de que precisa, para satisfação de uma exigência, que se tornou orgânica, em uma civilização refinada, através dos séculos, no campo espiritual e moral.

Na França, por exemplo, são comuns os cursos que se organizam, por iniciativa dos próprios mestres, para serem dadas aulas-modêlo, para se proferirem conferências, para se debaterem em seminários, assuntos de psicologia, pedagogia e práticas escolares.

De maneira geral, as questões relativas ao ensino são examinadas cada ano nas conferências pedagógicas do outono. Indica-se, com antecipação, o assunto sôbre que os professôres devem fazer pesquisas e relatórios.

Os professôres recebem diferentes revistas pedagógicas destinadas a seu desenvolvimento e, também, jornais pedagógicos particulares, boletins de educação, (departamental e nacional) e um boletim especialmente editado para as escolas maternas.

Os inspetores primários, os inspetores de academia e os inspetores gerais visitam, regularmente, tôdas as classes para julgarem dos métodos empregados pelos mestres e para os aconselharem.

Tudo isso ouvi, em entrevistas que fiz, de elementos do Ministério da Educação Nacional, de professores participantes do Estágio de Estudos, em Messina, e é o que agora leio em publicação recente organizada pela UNESCO, em colaboração com o Bureau International d'Education.

Organizam-se jornadas pedagógicas, congressos de associações de professores de cursos complementares ou de diretores de escola normal, exposições de trabalhos de alunos etc.

Em Paris, o Museu Pedagógico, notável organização do Centro Nacional de Documentação Pedagógica, digna de imitação no Brasil, e nas províncias, bibliotecas departamentais, fazem aos professores empréstimos de livros, de revistas, projeções etc. .

Enfim, viagens ao estrangeiro podem ser organizadas para alunos-mestres, e bôlsas, concedidas, a professores que ensinam línguas de outros países, em cursos complementares.

Cumpre-me adiantar que o papel dos inspetores de ensino, na França, como na Bélgica, é da maior relevância; constituem eles a elite entre os técnicos de educação, aos quais está afeto o aperfeiçoamento constante do professorado. São funcionários que ocupam, nos setores educacionais, posição de destaque, adquirida depois de concursos muito sérios, a que dá a administração escolar máxima atenção, tendo em grande conta não só os conhecimentos profundos dos candidatos, em psicologia e pedagogia, mas as qualidades intelectuais e morais dos mesmos.

Na Bélgica, o assunto é tomado, com austeridade, ultrapassando, mesmo, os limites da seriedade convencional. Todo professor, ali, sabe que é dever seu aperfeiçoar-se, ininterruptamente, constituindo isso nota positiva de sua carreira profissional. Não há necessidade de dizer-se aos professores belgas que se associem em círculos de estudos, que debatam, em reuniões periódicas, os problemas de sua escola, que procurem assistir às aulas de colegas mais experimentados, que visitem, sempre que puderem, os centros onde se realizem tentativas pedagógicas novas e mais avançadas, que tomem assinaturas de jornais e revistas especializadas, que leiam, e comentem, e sugiram, toda vez que convier e fôr oportuno.

Antes de partir para a Bélgica, estive, em demoradas visitas, nos departamentos e seções da UNESCO, onde pedi infor-

mações e orientação para levar a cabo a tarefa de que estava en carregado. Foi ali planejada a minha visita ao Centro Nacional de Documentação Pedagógica, ao Museu Pedagógico, inclusive, e à Escola Normal Superior de Saint-Cloud, onde passei um dia inteiro.

Certo, andando às carreiras, pelos motivos já expos tos, não podia deter-me em cada setor, para exame demorado e mi nucioso de suas atividades e de seus fins. Aliás, acentuava aos meus guias que, dada a exigüidade do tempo de que dispunha, era de meu interêsse saber, principalmente, como treinar e aper feiçoar o professor em exercício. Procurava indagar como se fazia no país visitado, para, oportunamente, aplicar, adaptando, ao Brasil.

Não obstante a pressa com que fazia as minhas entre vistas, pude informar-me de muitos pormenores, que serão úteis à minha função de técnico de educação.

Que, soube, afinal, na Bélgica, a respeito de treina mento e aperfeiçoamento do professor já em exercício?

Periódicamente, os professôres de determinada região se reúnem, sob a direção do inspetor cantonal, (uma vez por tri mestre, no mínimo). Há quatro conferências anuais: uma confe rência administrativa (a primeira) que tem por objetivo o estudo das leis, regulamentos, instruções ministeriais e todos os outros documentos oficiais concernentes ao ensino primário, ao pessoal docente, às obras de ordem social e moral ligadas à escola primária, e três conferências pedagógicas (uma por trimes tre) em cujos programas figuram tôdas as matérias de caráter pe dagógico, psicológico ou didático, cujo estudo possa concorrer para o progresso do ensino primário. Exercícios didáticos, se guidos de discussão sôbre métodos aplicados, têm, geralmente, lu gar, nessas reuniões.

Além disso, bibliotecas especializadas têm sido orga nizadas e instaladas, em todo o país, para uso dos professôres.

Atendendo ainda ao aperfeiçoamento do professorado, organizam-se, anualmente, cursos, que se realizam, com planeja mento prévio, e com exames, no fim. Exemplos de alguns dêsses cursos: o ensino da ginástica na 4ª série do curso primário; o ensino das crianças anormais; o ensino de economia doméstica e de trabalhos manuais, de trabalhos de agulha e de pequenos tra-

balhos caseiros, nas escolas primárias; curso e exame, para obtenção de certificado de aptidão a guia em excursões a monumentos de arte e história de uma região etc.

Todos os anos organiza o Departamento de Instrução Pública uma semana de informação e aperfeiçoamento pedagógico, que encoraja, além do mais, a atividade de círculos pedagógicos.

Os técnicos de educação, na Bélgica, que servem no Ministério da Instrução Pública, não só deram essas informações, como procuraram esclarecer-se a respeito do sistema de aperfeiçoamento, no Brasil. Constituiu para êles novidade saberem que se pratica o recrutamento nos Estados, para cursos e estágios, na capital da República. Cientificados da nossa grandeza geográfica, da diversidade do clima, dos hábitos, costumes e interesses econômicos das diferentes regiões do país, aconselharam as jornadas pedagógicas regionais, as revistas e instruções adequadas a cada grupo, dando-se ênfase especial ao preparo de inspetores gerais e inspetores especiais, para visitas constantes às escolas e para as jornadas pedagógicas. Entendem êles que o inspetor de alta classe com preparo profundo nas ciências da educação, revestido de boa formação moral, capaz de orientar, aconselhar e exemplificar, com aulas modelo, êles próprios, seria o ideal.

Aproveitando a visita a Bruxelas, estive na "Escola Decroly", de fama mundial, dirigida por Melle. Hamaïde, discípula do inolvidável educador belga Ovídio Decroly, onde se cultua, com fervor, a sua memória, sendo ponto alto dêsse culto a aplicação de seus ensinamentos, por todos os que ali trabalham. O grupo que serve na Escola Decroly é de tal sorte homogêneo, de tal maneira afinado para a consecução dos fins a que se destina a Escola, que, nesse sentido, não há diferença entre a diretora e o jardineiro, entre a servente que cuida dos pássaros e dos pequenos animais (muitos dêstes existem ali) e a professora, confundindo-se todos, diretora, professoras, jardineiro, flôres, pássaros, crianças e música, para aquela maravilha de centro educacional infantil, em que a criança é pivô de tudo, e o amor a ela e o conhecimento dela, a maior motivação.

Lá estava Melle. Hamaïde, uma vida inteira reclinada sobre a infância e enriquecida por ela. Crianças de agora, muitas delas, representam para a querida educadora uma terceira ge

ração. Melle. Hamaide está, no momento, cuidando, com aquêlê desvêlo e carinho incomparáveis, de netos de suas primeiras alunas; ela é, assim vóvó, espiritualmente, duas vêzes, e ainda não lhe falta aquela chama criadora e vivificante dos primeiros dias de seu labor incessante ao lado do grande mestre. Percorreu comigo tôdas as dependências da velha casa que abriga a sua Escola, subindo e descendo escadas, incansavelmente, interferindo na atividade das classes, para exemplificar e ilustrar um conceito de Decroly, como se ainda tivesse dúvidas sôbre a aceitação da doutrina pedagógica do inesquecível mestre.

Valeria um relatório essa visita inolvidável, para fixar-se bem, como testemunho de que ainda não se quebrou o molde dos santos, o de que é capaz o amor, na reconstrução de um mundo, cuja civilização tem o sainete do ódio e das guerras.

Uma página dêsse relatório eu dedicaria à obra de confraternização internacional que se começa naquêlê recanto, educando-se, juntos, só ouvindo palavras amigas, belgas, holandeses, americanos, poloneses e outros, tão diferentes pelo lugar de origem, mas tão semelhantes pela inclinação natural de se quererem e se estimarem, constituindo mesmo a diversidade de procedências nota curiosa de simpatia e aproximação, pela novidade de aspectos, de gestos e de atitudes.

Crianças, educadas assim, não perderão certamente, o prazer de sua atual fraternidade.

Tudo fazem juntos: desenho, modelagem, decoração, imprensa, leitura, canto etc. etc. E a pequena orquestra? Que delícia! E a comunicabilidade espontânea de todo aquele mundo de pequenos? Que milagre de disciplina e de ordem, naquela confusão aparente!

Mell. Hamaide, com "aquele inalterável jeito de proteção e de amor, que há 40 anos simboliza a sua vida", acariciava a cada uma das crianças com quem conversava, de passagem, chamando-as pelo nome.

Uma imorredoura recordação deixou na minha alma aquela visita a que eu havia aspirado, por mais de um quarto de século!...

Da Bélgica passei à Suíça, com apresentação especial do presidente do IBEC, professor Lourenço Filho, ao diretor adjunto do "Bureau International d'Education", P. Rossello.

Infelizmente, estava de férias o Bureau, na parte referente a cursos. Mas não só conversei, demoradamente, com o referido diretor, como tive, indicados por ele, técnicos para me acompanharem nas visitas às várias dependências do BIE, notadamente à biblioteca e às exposições pedagógicas de diversos países.

Causou-me tristeza ver como o Brasil prima pela ausência em tôdas as manifestações de caráter educativo permanente do Bureau. Na sua biblioteca, pouquíssimos livros dos nossos pedagogos, educadores e professores. Quanto às exposições, nada, apesar de ali estar reservado um local amplo, por onde se poderia dizer ao mundo, através de ondas de professores, educadores e intelectuais, em geral, que transitam pelas salas do Bureau, anualmente, o que é que temos feito, nos domínios da educação.

Já, anteriormente, na visita que fizera ao "Centro Nacional de Documentação Pedagógica", em Paris, notara a nossa ausência, ao passar pelas seções do mesmo. No momento, festejava-se, com uma bem organizada exposição, o centenário do aparecimento do livro de Beecher Stowe - "Uncle Tom's Cabin" - com amostras muito significativas de muitos países do Ocidente, no campo da libertação dos escravos; nós, que temos, nesse particular, uma das páginas mais brilhantes de nossa história, não tinhamos, ali, um só livro, uma só ilustração dessa arrancada épica, que foi o movimento abolicionista brasileiro - nem ao menos Castro Alves, nem o "Tigre da Abolição", nem João Alfredo, ou a Princesa Isabel.

Na pequena Suíça, a variedade de aspectos da educação corre parrelhas com a variedade de legislação, línguas e hábitos de seu grande povo. Para renovar a cultura de seu professorado, para trazer este em dia com o progresso das ciências da educação, tem a Suíça esse laboratório permanente de pedagogia que é o Instituto Jean Jacques Rousseau, com seus cursos, suas conferências, seus seminários e suas experiências sempre renovadas. O professor suíço não tem, para fazer-nos inveja, no tocante à renovação de conhecimentos pedagógicos, senão que dar um pulo ali a Genebra, para acompanhar, anualmente, durante algum tempo, algumas daquelas atividades de fama internacional.

É ali a fonte em que se dessententam, vindos de toda parte do mundo, os que têm sede de saber pedagógico.

Ainda assim, outros recursos têm êles, que podem suscitar idéias, a nós outros, que buscamos o que aprender no campo do aperfeiçoamento pedagógico de seus professores.

Na Suíça, como na França, o Museu Pedagógico organiza séries de conferências destinadas ao aperfeiçoamento do pessoal de ensino.

As professoras que se iniciam na carreira são orientadas por uma mestra experimentada e se reúnem em grupos de trabalho com supervisão da diretora da escola.

Variam os planos de aperfeiçoamento de cantão, para cantão, dado que é diversa a legislação do ensino no país, consoante as exigências de cada região. Em Neuchâtel, por exemplo, os professores em exercício recebem diretivas pedagógicas no correr de conferências oficiais que se realizam duas vezes por ano e são presididas pelo chefe do Departamento de Instrução Pública. Além disso, inspetores e diretores de escola primária visitam os mestres nas escolas.

Cada vez que, em um ou outro ramo do programa, a evolução das técnicas ou dos métodos o exige, o Departamento da Instrução Pública organiza cursos obrigatórios de didática.

Associações profissionais e diversas sociedades contribuem, por meio de conferências, de grupos de estudos e de cursos para o aperfeiçoamento do corpo docente.

O Departamento da Instrução Pública e a maior parte das autoridades comunais outorgam subvenções aos professores e professoras, para que possam acompanhar cursos profissionais.

Como se vê, há, na Europa, formas diversas de aperfeiçoar o professor em exercício, sem necessidade de deslocá-lo do lugar, onde trabalha. De modo geral, a preocupação de aperfeiçoamento é difundida e largamente praticada: nem os poderes públicos abandonam os mestres, desde que êstes entrem em exercício, nem êstes se sentem desobrigados de, por si, procurar a elevação de seu nível cultural e profissional.

No ano passado (1953), a Conferência Internacional da Instrução Pública reunida em Genebra, por iniciativa da Organização das Nações Unidas e do Bureau Internacional de Educação recomendava:

- Convém que se adotem providências, para que os

mestres de ensino primário em exercício possam aperfeiçoar-se, por todo o tempo de sua carreira, a fim de se porem a par das teorias novas e das novas técnicas, atinentes à sua profissão;

- Além do acréscimo de eficiência e do encorajamento moral, que o professorado primário pode auferir dos cursos de aperfeiçoamento, estes devem permitir, onde os níveis de remuneração estiverem condicionados a títulos e qualificações, o aumento de possibilidades de melhoria a todo aquele que os seguir com proveito;

- Quaisquer que sejam os meios empregados para o aperfeiçoamento do pessoal docente de ensino primário (conferências, lições-modêlo, grupos de discussão, estágio de estudos, cursos de férias, cursos por correspondência, emissões radiofônicas etc) um papel importante deve estar reservado, na organização dessas atividades, à inspeção escolar, à direção e ao corpo docente dos estabelecimentos de formação pedagógica, e aos agrupamentos e associações de professores primários;

- Quando as autoridades escolares não tomarem a seu cargo a organização do aperfeiçoamento dos professores de ensino primário, subvenções devem ser concedidas às associações destes ou a outras associações e agrupamentos capazes de levar a bom termo essa tarefa;

- As maiores facilidades (licenças, abonos etc.) devem ser concedidas aos professores de ensino primário, para que se possam beneficiar com iniciativas tomadas em vista de seu aperfeiçoamento profissional; essas facilidades se tornam ainda mais necessárias, quando se tratam do aperfeiçoamento dos mestres que exercem a profissão em zonas rurais, sem possuírem todos os títulos comumente exigidos;

- Além das iniciativas tomadas pelas autoridades escolares, ou por outras instituições e agrupamentos, em vista do aperfeiçoamento dos professores de ensino primário, devem estes ser encorajados a constituírem grupos de trabalho ou círculos de estudos, para examinarem em comum os problemas educativos, tanto teóricos, como práticos, que lhes concernem mais especialmente;

- As viagens de estudo, individuais ou coletivas, tanto no país, como no estrangeiro, devem ser consideradas como um

dos meios mais eficazes para elevar o nível profissional dos mestres, alargar sua visão, a respeito dos problemas escolares, e os incitar a melhorarem seus métodos de trabalho; para isso muitas bôlsas devem ser outorgadas a professores, que, depois, transmitirão a seus colegas a experiência adquirida no curso dessas viagens de estudo;

- Quando as circunstâncias se prestarem ao tentame (o fator linguístico desempenha nã caso papel indiscutível), a permuta de mestres de um país por outro deve ser encarada como um dos meios que contribuem, com maior eficiência, para o aperfeiçoamento do magistério; há oportunidade, então, para aplicar-se a Recomendação nº 29, concernente às permutas internacionais de educadores, adotada em 1950 pela XIIIª Conferência Internacional da Instrução Pública;

- Para que seja permitido aos mestres em exercício acompanharem a evolução das ciências da educação e renovarem suas técnicas de ensino, convém se encoraje a publicação de obras e de periódicos que correspondam às suas necessidades; medidas correlatas devem ser tomadas, para se facilitar a aquisição dessas obras e periódicos ou a consulta, por meio de bibliotecas de escola e de circulação; os estabelecimentos de formação pedagógica, os centros de documentação e os organismos de pesquisas psicológicas e pedagógicas parecem particularmente qualificados para exercerem ação cada vez mais eficaz nesse domínio.

Senhor Diretor:

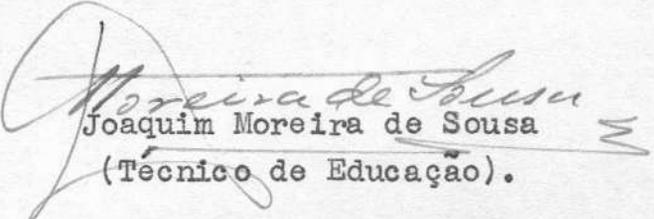
Aí está o que pude observar e indagar, em proveito de nosso ensino, durante oito semanas, lutando com as distâncias e os percalços inevitáveis de uma adaptação, sempre difícil, para quem, dispondo de tão pouco tempo, pela primeira vez, pisa solo estrangeiro. Procurei ser fiel à observação e à indagação, valendo-me, algumas vezes, de publicações, em relação à 2ª parte dêste relatório, para confirmar as minhas informações. Não me foi possível fazer mais.

Agradeço, nesta oportunidade, a Vossa Senhoria, ao professor Lourenço Filho, presidente do IBECC, e ao professor Armando Hildebrand, ao tempo de minha viagem, diretor executivo da CAPES, o apoio que me deram, para levar a bom termo a tarefa, que foi para mim um prazer e uma honra, e da qual acabo de desincumbir-me.

Junto ao presente a documentação recolhida, durante o Estágio de Estudos, na Sicília, e durante a viagem de observação, na França, Bélgica e Suíça.

Nela encontrarão os órgãos encarregados da educação de base, neste Ministério, no que concerne aos Auxiliares Visuais, e do aperfeiçoamento do professorado primário, quanto aos meios de se aprimorarem os conhecimentos e as técnicas de trabalho dêste, farta matéria, com sugestões das mais aconselháveis e proveitosas.

Rio de Janeiro, 29 de março de 1954


Joaquim Moreira de Sousa
(Técnico de Educação).